

Bruno Alves da Silva

**A MISTAGOGIA COMO MÉTODO TEOLÓGICO DA
LITURGIA E A SUA CONTEMPORANEIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Aléx
Lima da Silva

Florianópolis
2022

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da
Biblioteca Dom Afonso Nihues da FACASC

A large empty rectangular box with a thin black border, intended for the user to enter the identification details of the work.

Bruno Alves da Silva

A mistagogia como método teológico da liturgia e a sua contemporaneidade

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 11 de agosto de 2022.

Prof. Dr. Edson Adolfo Deretti
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rafael Aléx Lima da Silva
Faculdade Católica de Santa Catarina
Orientador

Prof. Dr. Valter Maurício Goedert
Faculdade Católica de Santa Catarina
Avaliador

Prof. Dr. Edson Adolfo Deretti
Faculdade Católica de Santa Catarina
Avaliador

Aos meus pais Nelson e Bete, ao meu
irmão César e ao meu sobrinho Théo
José.

AGRADECIMENTOS

A Deus-Pai que por seu Filho Jesus, liturgo e mistagogo por excelência, revelou-nos o mistério do seu Reino e enviou sobre nós a Divina Ruáh, Espírito santificante que nos dá força para continuarmos caminhando.

À Maria Santíssima, em especial sob o título de Nossa Senhora Aparecida, a quem tenho devoção especial.

Aos meus pais, Nelson e Bete, base da minha vida, meus primeiros catequistas que me ajudaram e ainda me ajudam muito em minha caminhada de fé.

Ao meu irmão César e ao meu sobrinho Théo José.

À Igreja Católica Apostólica Romana, em especial a porção do povo de Deus da Diocese de Caçador-SC.

Às pessoas que fizeram e fazem parte da minha história, as quais não cabe citar aqui porque são muitas e não quero esquecer ninguém.

À Faculdade Católica de Santa Catarina – FACASC, no seu corpo docente e discente, em especial ao Pe. Rafael Aléx Lima da Silva, orientador desta pesquisa que me ajudou no percurso investigativo para elaboração deste trabalho.

Enfim, usando as palavras do apóstolo Paulo presente numa das fórmulas de saudação da liturgia, agradeço a todos e todas dizendo: *“A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo, estejam convosco!”*

“A liturgia é o momento em que a Igreja é mais
perfeitamente ela própria.”
(Medellín)

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo geral compreender a mistagogia como método teológico da liturgia e a sua contemporaneidade. Para tal intento, por meio de uma pesquisa bibliográfica, apresenta-se a liturgia como lugar teológico retomando o axioma “*lex orandi – lex credendi*” e a mistagogia como método teológico por meio do estudo dos escritos dos padres da Igreja, principalmente daqueles que viveram e exerceram seu ministério no final do IV século. Por fim, para entender como a mistagogia, como método teológico da liturgia, é contemporânea, faz-se uso de três autores que tratam do assunto, a saber: Enrico Mazza, Francisco Taborda e Goffredo Boselli. Em suma, constata-se com essa pesquisa que a mistagogia, como método teológico da liturgia, pode oferecer luzes para a atual realidade pastoral da Igreja.

Palavras-chave: Mistagogia. Liturgia. Contemporaneidade.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AG – *Ad Gentes*, Decreto sobre a atividade missionária da Igreja
At – Atos dos apóstolos
1Cor – Primeira Carta de são Paulo aos Coríntios
CD – *Christus Dominus*, Decreto sobre o múnus pastoral dos Bispos na Igreja
CIgC – Catecismo da Igreja Católica
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
Doc. 107 – Documento da CNBB, “*Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*”
EG – *Evangelii Gaudium*, Exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual
GE – *Gravissimum Educationis*, Declaração sobre a Educação Cristã
Hb – Carta aos Hebreus
Jo – Evangelho segundo João
Lc – Evangelho segundo Lucas
Mc – Evangelho segundo Marcos
Mt – Evangelho segundo Mateus
SC – *Sacrosanctum Concilium*, Constituição sobre a sagrada liturgia
SCa – *Sacramentum Caritatis*, Exortação Apostólica pós-Sinodal sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja
OT – *Optatam Totius*, Decreto sobre a formação sacerdotal
Rm – Carta de são Paulo aos Romanos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 A LITURGIA COMO LUGAR TEOLÓGICO	19
1.1 O QUE É LITURGIA?.....	19
1.2 O CONCEITO " <i>LUGAR TEOLÓGICO</i> "......	28
1.3 RELAÇÃO ENTRE LITURGIA E " <i>LUGAR TEOLÓGICO</i> "......	31
2 A MISTAGOGIA COMO MÉTODO TEOLÓGICO DA LITURGIA	35
2.1 O TERMO " <i>MISTAGOGIA</i> "......	35
2.2 CARACTERÍSTICAS DO MÉTODO TEOLÓGICO.....	39
2.3 A MISTAGOGIA DOS PADRES DA IGREJA NO FIM DO IV SÉCULO: UM AUTÊNTICO MÉTODO TEOLÓGICO.....	41
3 A CONTEMPORANEIDADE DA MISTAGOGIA COMO MÉTODO TEOLÓGICO DA LITURGIA	47
3.1 O CONCÍLIO VATICANO II E A MISTAGOGIA.....	47
3.2 A MISTAGOGIA NA IGREJA PÓS-CONCILIAR.....	49
3.3 A CONTEMPORANEIDADE DA MISTAGOGIA.....	53
CONCLUSÃO	59
REFERÊNCIAS	63

INTRODUÇÃO

Compreender a mistagogia como método teológico da liturgia e a sua contemporaneidade é o objetivo geral pelo qual esta pesquisa busca se desenvolver. Para tal intento, por meio de uma pesquisa bibliográfica, apresenta-se a liturgia como lugar teológico no primeiro capítulo e a mistagogia como método teológico da liturgia no segundo capítulo, para que, por fim, se possa chegar ao entendimento de como a mistagogia como método teológico da liturgia é contemporânea no terceiro capítulo.

Inúmeras são as formas de se tratar de um tema em uma pesquisa. Nessa gama de possibilidades, existem muitos métodos proveitosos que são úteis para o desenvolvimento de um assunto. Em suma, cada ponto de vista acaba sendo a vista de um ponto, de modo que a ótica escolhida influencia a alcançar os resultados.

A teologia, como qualquer outra ciência, possui métodos próprios de investigação. Como dizia santo Anselmo de Cantuária, “*Fides quaerens intellectum*”, isto é, “*a fé busca a inteligência*” e embora essa não se reduza à razão humana, é razoável, ou seja, capaz de dar ao ser humano a oportunidade de refletir acerca de seus elementos mais basilares.

A liturgia, fonte e ápice da vida cristã, é um campo do conhecimento teológico que sempre foi muito pesquisado e aprofundado por teólogos ao longo de toda a história. Fazendo memória de cada período, percebe-se que não foram poucos os teóricos que buscaram interpretar a liturgia, trazendo acerca dela diversas abordagens, obviamente todas fruto do contexto em que viviam.

A mistagogia entendida como método teológico possui também diversas abordagens. Destaque dessas abordagens se dá, porém, a noção dos padres da Igreja, sobretudo, daqueles que viveram e exerceram seu ministério no final do IV século. Para esses padres, a mistagogia é método teológico da liturgia e serve, entre outras coisas, para evangelização dos catecúmenos, para introduzir ao mistério aqueles que irão aderir convictamente a Jesus Cristo pelos sacramentos da Iniciação Cristã.

A noção dos padres da Igreja do fim do IV século acerca da mistagogia além de ser uma temática interessante, acaba por ser uma temática que tem profunda relação com a realidade contemporânea. Os autores Enrico Mazza, Francisco Taborda e Goffredo Boselli sustentam essa máxima. Para um dos autores inclusive, no caso Boselli, a atualidade da mistagogia não se encontra tão distante de quem pesquisa,

mas está presente na própria Sagrada Escritura, em dois textos, um do Antigo e outro do Novo Testamento.

Enfim, a presente pesquisa busca contribuir para um ramo da teologia apreciado pelo pesquisador, no caso a liturgia. Os três capítulos dessa, portanto, têm a missão de conduzir o leitor passo a passo, de modo gradativo, à relevância, atualidade e importância do tema. Em poucas palavras, a mistagogia como método teológico da liturgia tal como entendiam os padres da Igreja do final do IV século pode oferecer luzes para a atual realidade pastoral da Igreja.

1 A LITURGIA COMO LUGAR TEOLÓGICO

Para apresentar a liturgia como lugar teológico, convém recorrer a obras e artigos que fundamentam tal concepção e apontam a possível relação que há entre esses conceitos. No desenvolvimento deste primeiro capítulo, buscar-se-á abordar cada conceito-chave separadamente para que depois, possa-se fazer relação entre eles. Os conceitos-chave deste primeiro capítulo são: liturgia e lugar teológico.

Iniciando a reflexão, toma-se, pois, a liturgia como primeiro objeto de pesquisa a ser aprofundado. Tal objeto, assim como qualquer outro conceito, é carregado de peculiaridades, avanços e aprofundamentos, características que precisam ser abordadas.

1.1 O QUE É LITURGIA?

De acordo com professor Ricardo Schutz¹, renomado linguista brasileiro, um primeiro passo para entender qualquer conceito ou palavra é buscar estudá-lo a partir de sua origem e desenvolvimento. Segundo ele, “*conhecer uma palavra desde sua origem é como conhecer uma pessoa desde pequena*” e ainda mais, aprender sobre a evolução do significado de uma palavra é descobrir seu verdadeiro sentido e conhecê-la de forma mais completa.²

A palavra liturgia não é de origem cristã, mas vem do grego “*leitourgia*” e é composta das palavras “*leitos*” que significa popular ou do povo e “*ergon*” que significa ação, obra, trabalho.³ Em sentido

¹ Ricardo Edmundo Schütz é um renomado linguista brasileiro, bacharel em Administração de Empresas e Direito, Mestre em TESL – “*Teaching English as a Second Language*” – pela Arizona State University, pesquisador do ensino de inglês em diferentes países, criador do *English Made in Brazil*, site que proporciona aulas de inglês e português para pessoas interessadas. [KANOMATA, Takako; SCHÜTZ, Elsa Kanomata; SCHÜTZ, Ricardo E.; RAYNER, Linda. **Equipe responsável pela produção científica deste site “English Made in Brazil”**. Disponível em: <<https://www.sk.com.br/sk-inst.html>>. Acesso em: 15 jan. 2022.]

² SCHÜTZ, Ricardo E. “**Etimologia**” **English Made in Brazil**. Disponível em: <<https://www.sk.com.br/sk-hist.html>>. Acesso em: 15 jan. 2022.

³ ALDAZÁBAL, José Larrañaga. **Vocabulário básico de liturgia**. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2002, p. 217.

estrito, originalmente liturgia significa “*obra pública*” ou “*serviço da parte do povo e em favor do povo*” (CIgC, 1069).⁴

Na Grécia Antiga, “*leitourgós*”, (no português: liturgo), era todo aquele que prestava um serviço público, podendo esse ser uma cerimônia sagrada ou não.⁵ Para o grego, liturgia era toda e qualquer ação ou trabalho que não visava a utilidade privada, mas antes voltava-se para o bem de toda comunidade.⁶

A Bíblia, na sua tradução grega do Antigo Testamento, aplica o termo liturgia sobretudo para designar o serviço do culto realizado no Templo. Em uma das narrativas no Novo Testamento no Evangelho de Lucas, usa-se esse termo para falar a respeito do ministério de Zacarias, pai de João Batista, que exerce o serviço de sacerdote no Templo (Lc 1,8). Aplicado às realidades cristãs, chama-se na Bíblia “*liturgo*” também a Cristo, sobretudo na Carta aos Hebreus (Hb 8,1-6), e há também a menção à “*liturgia da vida*”, isso quando se refere ao ministério de um apóstolo (Rm 15,16) ou à caridade fraterna (Rm 15,17; Fl 1,15).⁷

Para o cristianismo, no contexto da história da salvação, liturgia expressa a vivência do mistério de Cristo.⁸ O termo liturgia, no entanto, aparecerá tardiamente no cristianismo, somente por volta dos séculos VIII e IX, principalmente para denominar a Eucaristia⁹ na comunidade cristã grega.¹⁰ No decorrer do tempo, porém, muitos serão os termos empregados pelos estudiosos para denominar a liturgia no contexto cristão.¹¹

A liturgia cristã nasce em Jerusalém, tendo como seus elementos basilares os próprios elementos da sinagoga e do Templo.¹²

⁴ CATECISMO da Igreja Católica. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 302.

⁵ ERPEN, Jackson. **A liturgia dentro da história da salvação**. Cidade do Vaticano: Vatican News, 2018, s/n. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2018-09/sacrosanctum-concilium-liturgia-historia-da-salvacao.html>>. Acesso em: 20 jan. 2022.

⁶ ALDAZÁBAL, 2002, p. 217.

⁷ ALDAZÁBAL, 2002, p. 217.

⁸ CARVALHO, Humberto Robson de. **Liturgia: Elementos básicos para a formação de catequistas**. São Paulo: Paulus, 2018, p. 15.

⁹ Aqui quando se fala “*Eucaristia*” refere-se a Celebração Eucarística.

¹⁰ ERPEN, 2018, s/n.

¹¹ ALDAZÁBAL, 2002, p. 217.

¹² FERREIRA, José. **A liturgia antes do Concílio Vaticano II**. s/d, p. 4. Disponível em:

Jesus de Nazaré era judeu e viveu toda a sua experiência litúrgico-espiritual ao modo judaico.¹³ Piedoso e orante, Jesus respeitava os costumes e as tradições de seu povo, contudo, também já anunciava um culto diferente daquele que os judeus estavam acostumados a realizar. Para Jesus, o verdadeiro culto se dá na sinceridade e no amor (Mt 15,1-20), no “*Espírito e na verdade*” (Jo 4,19-24).¹⁴

Na noite em que ia ser entregue à morte, encontra-se na carta de Paulo aos Coríntios e nos Evangelhos sinóticos¹⁵, o relato ceia de Jesus com seus discípulos. Nesta ceia, usando as formas culturais já existentes, Jesus institui uma nova forma de liturgia que vem para aperfeiçoar a liturgia antiga.¹⁶ Na ceia, Jesus também orienta seus discípulos para que perpetuem essa liturgia pelo resto de suas vidas e pede que todas as vezes eles a realizarem, possam fazê-la “*em sua memória*”.¹⁷

De Jesus, portanto, os discípulos recebem o mandato de fazer o que ele fizera naquela ceia derradeira. A ceia é gesto que simboliza a entrega de Jesus, seu mistério pascal, tudo aquilo que ele passara, tendo como ponto alto desta experiência a sua paixão, morte e ressurreição.¹⁸ Acerca disso, atesta Paulo: “*Todas as vezes, pois, que comeis desse pão*

<https://www.liturgia.pt/anodafe/A_Liturgia_antes_do_Concilio_Vaticano_II.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2022.

¹³ CARVALHO, 2018, p. 27.

¹⁴ BOROBIO, Dionísio. **Celebrar para viver: Liturgia e sacramentos da Igreja**. São Paulo: Loyola, 2009, p. 42.

¹⁵ Os Evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas apresentam uma semelhança tão grande entre si que podem ser reproduzidos em três colunas paralelas: daí a denominação de *sinopse* ou de *Evangelhos Sinóticos*. [FISICHELLA, Rino; LATOURELLE, René. **Dicionário de teologia fundamental**. Trad. Luiz João Baraúna. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994, p. 908.]

¹⁶ SILVA, José Ariovaldo da. **O mistério celebrado no primeiro milênio da era cristã, panorama histórico geral**. In: BUYST, Ione; SILVA, José Ariovaldo da. **O mistério celebrado: memória e compromisso I**. São Paulo: Paulinas; Valencia: Siquém, 2014, p. 25.

¹⁷ Este dado pode ser encontrado na primeira carta de Paulo aos Coríntios bem como em um dos sinóticos. Seguem as citações: 1Cor 11,24-25 e Lc 22,19.

¹⁸ MABIALA, Matalanga. **A beleza da liturgia, manifestação da presença real de Cristo**. São Paulo: Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, 2007, p. 25. Disponível em: <<https://www.livrosgratiss.com.br/ler-livro-online-1025/a-beleza-da-liturgia-manifestacao-da-presenca-real-de-cristo>>. Acesso em: 05 nov. 2021.

e bebeis desse cálice, anunciais a morte do Senhor até que ele venha” (1Cor 11,26).¹⁹

Com a recomendação de Jesus, os primeiros cristãos entenderam que poderiam atualizar o mistério pascal do Senhor e deste mistério receber graças divinas. A partir daí, passa-se a entender a liturgia como momento histórico de salvação, momento da Igreja que está se formando e momento do Espírito Santo que vem para recordar o que Jesus disse e ajudar a fazer o que Jesus fez.²⁰

No início do cristianismo, a grande característica da liturgia é a reunião da comunidade. Neste período, liturgia é *“congregar-se”, “reunir-se junto”* para celebrar.²¹ Como grande testemunho, encontra-se o relato dos Atos dos Apóstolos:

Eles [comunidade] mostravam-se assíduos ao ensino dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações. [...] Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum [...]. Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração (At 2,42-46).²²

Com o passar do tempo, já nos séculos II e III, a liturgia se firma com a prática de reuniões para a *“fração do pão”*²³ em casas particulares. Neste período, a liturgia já é um conjunto de elementos, a saber: reunião da assembleia, escuta da palavra, reflexão acerca da palavra, oração dos fiéis, apresentação dos dons, ação de graças sobre eles e comunhão dos mesmos pelos participantes.²⁴ Um importante escrito que descreve a liturgia desse período vem de Justino²⁵. Na obra chamada *“Apologia”*, Justino descreve uma liturgia realizada em sua comunidade de fé, apontando especificidades:

¹⁹ BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2015, p. 2007.

²⁰ MABIALA, 2007, p. 25.

²¹ SILVA, 2014, p. 27.

²² BÍBLIA de Jerusalém, 2015, p. 1905.

²³ *“Fração do pão”* é o nome como era chamado a Celebração da Eucaristia neste período.

²⁴ SILVA. In: BUYST, 2014, p. 30-31

²⁵ Leigo e filósofo convertido ao cristianismo, viveu por volta dos anos 150 d.C. [SILVA. In: BUYST, 2014, p. 30.]

E no dia chamado do Sol, realiza-se uma reunião num mesmo lugar de todos os que habitam nas cidades ou nos campos. Lêem-se [sic] comentários dos Apóstolos ou os escritos dos profetas [...]. Em seguida, quando o leitor tiver terminado a leitura, o que preside, tomando a palavra, admoesta e exorta a imitar estas coisas sublimes. Depois levantamos juntos e recitamos orações; [...] ao terminarmos a oração, são trazidos pão, vinho e água e o povo aclama, dizendo o Amém. Então vêm a distribuição e a recepção, por parte de cada qual, dos alimentos eucaristizados, e o seu envio aos ausentes através dos diáconos.²⁶

Não obstante os vários elementos litúrgicos presentes nesta descrição, pode-se dizer que, neste período, ainda o que predomina é um clima de espontaneidade e ampla liberdade para improvisar as orações,²⁷ o que irá mudar mais à frente quando a Igreja se unir ao Império Romano.²⁸

A partir do século IV, o cristianismo obtém um grande impulso, resultado principalmente de dois grandes acontecimentos. O primeiro é que, no ano de 313, o imperador romano Constantino concede liberdade religiosa a todos os cidadãos do império. O segundo vem ao encontro ao primeiro, entretanto, acontece mais tarde, em 380: tendo Teodósio como imperador, o cristianismo torna-se a religião oficial do império, fato que acarreta profundas mudanças na organização da Igreja e na sua liturgia.²⁹

A nível litúrgico, a Igreja sofre neste período uma mudança, sobretudo, no modo e no lugar da celebração. A simplicidade, característica principal da liturgia dos três primeiros séculos, dá lugar

²⁶ JUSTINO. *Apologia I*, 67. In: *Tradição apostólica de Hipólito de Roma*. p. 82-83.

²⁷ SILVA. In: BUYST, 2014, p. 31.

²⁸ BASURKO, Xabier. GOENAGA, J.A. *A vida litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica*. In: BOROBIO, Dionísio (org.). *A celebração na Igreja: liturgia e sacramentologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 57.

²⁹ CARVALHO, 2018, p. 40-41.

progressivamente a imponência e a suntuosidade, características próprias do império. A reunião da comunidade que era realizada nas casas, passa agora a ser realizada em ambientes amplos, denominados basílicas.³⁰ A língua grega dá lugar ao latim e os textos litúrgicos começam a ser elaborados.³¹

Do século IV ao VIII, a Igreja vive o período de romanização de sua liturgia. Essa liturgia tem como característica própria uma forma madura, sucinta, plenamente elaborada e organizada, extraordinariamente rica sob o ponto de vista teológico. Criam-se nesse período, principalmente a partir do século V, as diversas famílias ou ritos litúrgicos que vão se distinguir em dois grandes blocos: as liturgias orientais e as liturgias ocidentais.³²

No século VIII e IX, a língua latina mantida na liturgia deixa de ser entendida pelo povo e começa a causar o distanciamento da liturgia em relação a esse seu lugar primeiro, a comunidade.³³ O fenômeno da migração da liturgia romana para as terras franco-germânicas torna os textos litúrgicos, de orações breves e sóbrias, a orações com formulários longos, com linguagem comovente, cheia de sentimento e dramaticidade.³⁴ Com isso, como escreve Joan Llopes³⁵, perde-se a partir desse período na liturgia:

[...] o sentido pascal da celebração cristã: [Nela,] já não domina a ação salvadora de Deus, mas o esforço humano de tipo emocional, e se dá mais importância aos aspectos sentimentais da meditação da paixão de Cristo do que a dimensão misteriosa da fé na ressurreição.³⁶

³⁰ SILVA. In: BUYST, 2014, p. 32.

³¹ CARVALHO, 2018, p. 44.

³² SILVA. In: BUYST, 2014, p. 34-35.

³³ FERREIRA, s/d, p. 5.

³⁴ SILVA. In: BUYST, 2014, p. 39-40.

³⁵ Joan Llopis é um teólogo espanhol que nasceu em Barcelona. Foi uma das vozes mais criativas e representativas da teologia pós-conciliar e do cristianismo em diálogo com a modernidade. [TAMAYO, Juan José. **Joan Llopis, el evangelio humanizador**: el renovador teólogo catalán centró su obra en la reforma de la liturgia. El País, 2012, s/n, tradução nossa. Disponível em: <https://elpais.com/sociedad/2012/07/08/actualidad/1341704758_106281.html> . Acesso em: 15 fev. 2022.]

³⁶ LLOPIS, Joan. **La liturgia a través de los siglos**. Emaús 6: Barcelona, CPL, s/d, p. 38. In: SILVA, José Ariovaldo da. **O mistério celebrado no primeiro**

Ao final do século IX, a vida litúrgica da Igreja em Roma vive uma profunda crise. A liturgia tipicamente romana está ameaçada de morte. Para a superação dessa crise, a liturgia romana acaba adotando o estilo e os formulários da liturgia franco-germânica.³⁷ Na tentativa de superar a decadência, já no século X, os papas também assumem novamente a frente das questões litúrgicas, contudo, não conseguem grande êxito na busca por devolver à liturgia o seu caráter comunitário.³⁸

A liturgia cristã, não conseguindo retornar ao seu lugar primeiro, isto é, a comunidade, passa a ser exclusivamente uma atividade clerical, dos ministros ordenados. Assim, durante os séculos XV e XVI, nascem as devoções populares e os diversos tipos de espiritualidades, dado que a liturgia, distante e incompreensível, já não alimenta mais a vida espiritual dos fiéis.³⁹ No século XVI, a vida litúrgica da Igreja se caracteriza como precária e desordenada, como pode ser narrada tristemente por Llopes:

No século XVI a situação da liturgia no Ocidente é lamentável. Pode comparar-se a um cadáver ricamente adornado, mas sem vida e com sintomas de decomposição. Os ritos e as cerimônias são executados sem sentido pastoral e acompanhadas de uma série de abusos e superstições.⁴⁰

milênio da era cristã, panorama histórico geral. In: BUYST, Ione; SILVA, José Ariovaldo da. **O mistério celebrado: memória e compromisso I.** São Paulo: Paulinas; Valencia: Siquém, 2014, p. 40.

³⁷ SILVA, José Ariovaldo da. **A celebração do mistério de Cristo ao longo da história.** In: CELAM. **Manual de liturgia, vol. IV: A celebração do mistério pascal - outras expressões celebrativas do mistério pascal e a liturgia na vida da Igreja.** São Paulo: Paulus, 2007, p. 477.

³⁸ SILVA, José Ariovaldo da. **O mistério celebrado no segundo milênio da era cristã, panorama histórico geral.** In: BUYST, Ione; SILVA, José Ariovaldo da. **O mistério celebrado: memória e compromisso I.** São Paulo: Paulinas; Valencia: Siquém, 2014, p. 44.

³⁹ CARVALHO, 2018, p. 45.

⁴⁰ LLOPIS, s/d, p. 33. In: SILVA. In: BUYST, 2014, p. 48.

Como reação aos abusos existentes dentro da Igreja, bem como em resposta à Reforma Protestante⁴¹ que havia acontecido em 1517 na Alemanha, nos anos 1545-1563, celebra-se o Concílio de Trento⁴². No âmbito de recuperar a natureza da liturgia, esse Concílio não alcançou grandes conquistas, apenas cortou muitos abusos e centrou-se em discutir temáticas de tipo dogmático em torno dos sacramentos.⁴³

A liturgia, porém, só será entendida com maior profundidade novamente a partir do movimento litúrgico⁴⁴ para renovação da liturgia que culminará no século XX com o Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)⁴⁵.⁴⁶ Tal acontecimento será fruto do desejo de “*volta às fontes*” da Igreja que, no caso da liturgia, significará uma proposta de retorno à nobre simplicidade celebrativa ou, indo até mais longe, à

⁴¹ Reforma Protestante é o movimento religioso e político de protesto contra a concessão de indulgências iniciado por Martinho Lutero no século XVI, em Wittenberg na Alemanha. [MAIA, Antônio. **Pequeno Dicionário Católico: Dogma, Liturgia, Moral, Bíblia**. Rio de Janeiro: Estrela do Mar, 1996, p. 172.]

⁴² Convocado pelo papa Paulo III (1534-1549), o Concílio de Trento foi um acontecimento eclesial que marcou o século XVI da história da Igreja. Foi um concílio extremamente episcopal, dado que os teólogos tiveram apenas função consultiva no processo de elaboração e realização. [FISICHELLA; LATOURELLE, 1994, p. 1020.]

⁴³ SILVA. In: BUYST, 2014, p. 49.

⁴⁴ O movimento litúrgico foi um acontecimento que teve sua pré-história na Europa no século XVIII e buscava uma reforma na liturgia da Igreja. Impregnados de ideias iluministas, muitos católicos exigiam da Igreja uma liturgia mais simples, despojada de inúmeros elementos supérfluos herdados do passado. Como grandes nomes desse movimento podem-se citar os abades beneditinos Prósper Guéranger (1805-1875) na França, Lambert Beauduin (1863-1960) e Bernard Capelle (1884-1961) na Bélgica, Ildefons Herwegen (1874-1946), Odo Casel (1886-1948) e Romano Guardini (1885-1968) na Alemanha. No Brasil, o movimento litúrgico chegou através do monge beneditino Martinho Michler do Mosteiro de São Bento no Rio de Janeiro – RJ. [SILVA. In: BUYST, 2014, p. 56-59.]

⁴⁵ O Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) foi um acontecimento eclesial resultado de um profundo desejo de reforma e renovação da Igreja que existia entre os fiéis católicos e alguns teólogos do século XX. [FISICHELLA; LATOURELLE, 1994, p. 1040-1041.]

⁴⁶ ALDAZÁBAL, 2002, p. 218.

promoção do retorno da participação ativa de toda a comunidade na celebração litúrgica.⁴⁷

É prudente destacar que, até cerca dos anos 1920-1930, a noção de liturgia comumente utilizada é de que a liturgia é um complexo de cerimônias do culto público da Igreja e das leis eclesiais que a regulam. Ademais, neste período, o estudo da liturgia é tido como parte do direito canônico, em cuja história o pensamento teológico e a pastoral são empenhados na medida em que servem ao conhecimento das leis rubricais do culto.⁴⁸

Do Vaticano II, pois, se elabora, uma melhor e mais abrangente descrição sobre o que é liturgia. Para o Concílio:

[...] a liturgia é considerada como o exercício da função sacerdotal de Cristo. Ela simboliza através de sinais sensíveis e realiza em modo próprio a cada um a santificação dos homens [seres humanos]; nela o corpo místico de Jesus Cristo, cabeça e membros, presta a Deus o culto público integral (SC, 7).⁴⁹

Em suma, é a partir do Concílio Vaticano II que a liturgia resgata a sua pureza original, focando-se novamente no essencial, o mistério de Cristo. Também é do Concílio que a liturgia redescobre a sua dimensão constitutiva fundamental, a comunidade.⁵⁰ Assim sendo, a *noção conciliar de liturgia*⁵¹ torna-se o parâmetro para o entendimento do que é liturgia a partir do Vaticano II.

Da noção conciliar de liturgia, é que se fará uso para desenvolver o objetivo específico deste capítulo. Convém, portanto, que

⁴⁷ SILVA. In: BUYST, 2014, p. 58.

⁴⁸ VAGAGGINI, Cipriano. **O sentido teológico da liturgia**. São Paulo: Loyola, 2009, p. 14.

⁴⁹ DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II. **Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a sagrada liturgia**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1997, p. 38.

⁵⁰ SILVA, José Arioaldo da. **A reforma litúrgica do Concílio Vaticano II**. In: BUYST, Ione; SILVA, José Arioaldo da. **O mistério celebrado: memória e compromisso I**. São Paulo: Paulinas; Valencia: Siquém, 2014, p. 65-66.

⁵¹ Toda vez que o pesquisador usar este termo “*noção conciliar de liturgia*” está se referindo a noção de liturgia apresentada pelo Concílio Vaticano II em sua Constituição sobre a Sagrada Liturgia “*Sacrosanctum Concilium*”, apresentada “*ipsis litteris*” na citação número 48 deste trabalho.

depois desta explicitação acerca do que é liturgia passe-se ao entendimento do segundo conceito-chave deste capítulo, o conceito “*lugar teológico*”.

1.2 O CONCEITO “LUGAR TEOLÓGICO”

Diferentemente da liturgia, o conceito “*lugar teológico*”⁵² é um termo que aparece tardiamente na história. Embora esse se caracterize como um conceito de grande relevância para a teologia, a preocupação maior no que se refere a ele se dá somente no século XVI, de modo que, antes de tal século, não se encontra discussão sobre o assunto.⁵³

Um dos pioneiros a tratar do tema “*lugar teológico*” foi o teólogo protestante Philipp Melanchton^{54,55}. A teologia clássica, no entanto, ficou conhecendo o conceito, sobretudo, devido ao trabalho de outro teólogo, Melchior Cano⁵⁶, que em sua obra “*De Locis theologicis*”, desenvolveu-o sob um viés católico.⁵⁷

⁵² Aqui o pesquisador usa aspas sobre o conceito por esse se tratar de um elemento composto, visto que ambos os componentes são importantes para a compreensão dele.

⁵³ FISICHELLA; LATOURELLE, 1994, p. 551.

⁵⁴ Philipp Melanchton (1497-1560) foi um longo e ardente seguidor de Martinho Lutero. Autor da obra “*Loci communes rerum theologicarum*” onde expõem os conceitos fundamentais da teologia de Lutero, teve como objetivo tornar acessível os pensamentos reformatórios de Lutero aos intelectuais da época, sobretudo aos humanistas. [TÜCHLE, Germano. BOUMAN, C.A. **Nova história da Igreja: Reforma e Contra-reforma**. Tradução de Waldomiro Pires Martins. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 56; 60-61.]

⁵⁵ FERNANDES, Veronice. **Liturgia: lugar teológico**. In: REVISTA Contemplação. **Revista Acadêmica de Filosofia e Teologia da Faculdade João Paulo II**. 23 ed. São Paulo: FAJOPA, 2020, p. 48. Disponível em: <<http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/252>>. Acesso em: 10 out. 2021.

⁵⁶ Melchior Cano (1509-1560) foi um dominicano, discípulo de Francisco de Vitória e teólogo imperial no Concílio de Trento (1551-1552). É autor do clássico tratado teológico da moderna teologia católica: *De locis theologicis*. [FISICHELLA; LATOURELLE, 1994, p. 551.]

⁵⁷ LIBANIO, João Batista; MURAD, Afonso. **Introdução à Teologia: perfil, enfoques, tarefas**. São Paulo: Loyola, 1996, p. 33-34.

Inicialmente, para Melanchton, lugares teológicos são os temas principais que constituem a ossatura da Sagrada Escritura,⁵⁸ são como que doutrinas que constituem e organizam a reflexão teológica e podem ser aplicados aos sistemas da dogmática.⁵⁹ De acordo com ele, o uso correto desses lugares habilita o teólogo a expor o múltiplo testemunho bíblico da generosidade divina, realizado principalmente através de Cristo, para com a humanidade pecadora.⁶⁰

Já para Cano, lugares teológicos são os lugares de onde se podem tirar argumentos teológicos. Segundo ele, assim como Aristóteles⁶¹ propôs em seus escritos alguns lugares donde comumente se pode tirar argumentos para a filosofia, existem também lugares donde se pode haurir argumentos para a teologia.⁶² Em aberto contraste com a noção de Melanchton, Cano indica que os lugares teológicos são como que domicílios onde os elementos para a argumentação teológica estão presentes.⁶³

De acordo com Cano, dez são os lugares teológicos. São eles: a Sagrada Escritura, a tradição não escrita de Cristo e dos apóstolos, a Igreja Católica, os concílios ecumênicos nos quais reside a autoridade da Igreja, a autoridade do papa, os pais da Igreja, os teólogos escolásticos, a razão humana, os filósofos e a história.⁶⁴ Ademais, desses dez lugares, os dois primeiros contêm os princípios próprios e legítimos da teologia, os três últimos os princípios externos e alheios da mesma e, os cinco intermediários, a interpretação dos princípios próprios ou as conclusões que deles nasceram.⁶⁵

Na Sagrada Escritura e no conjunto de tradições apostólicas, segundo Cano, estão, respectivamente, a verdade, a autoridade canônica e o patrimônio doutrinal. Para ele, dessas duas fontes fundamentais, em que a palavra de Deus dá testemunho imediato de si mesma, o teólogo

⁵⁸ FISICHELLA; LATOURELLE, 1994, p. 551.

⁵⁹ FERNANDES. In: REVISTA Contemplação. 2020, p. 48.

⁶⁰ FISICHELLA; LATOURELLE, 1994, p. 551.

⁶¹ Importante filósofo grego (384-322 a.C.), um dos pensadores com maior influência na cultura ocidental. [FRAZÃO, Dilva. **Aristóteles**: filósofo grego. Ebiografia: 2021. Disponível em: <<https://www.ebiografia.com/aristoteles/>>. Acesso em: 15 mar. 2022.]

⁶² AQUINO JUNIOR, Francisco. **Sobre o conceito “lugar teológico”**. In: Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis, v. 70, n. 278, 2010, p. 451.

⁶³ FISICHELLA; LATOURELLE, 1994, p. 551.

⁶⁴ FERNANDES. In: REVISTA Contemplação. 2020, p. 48-49.

⁶⁵ AQUINO JUNIOR, 2010, p. 451-452.

descobre as diversas expressões da verdade de Deus na vida da Igreja, de modo que, os demais lugares teológicos apenas geram tipos específicos de testemunhos do que já está contido na Escritura e nas tradições apostólicas.⁶⁶

Para a teologia contemporânea, entretanto, é o último lugar teológico da lista de Melchior Cano que ganhará maior atenção e destaque. A efetiva inclusão da história e, dentro dela da experiência humana, como um dos lugares teológicos será uma das principais contribuições do Concílio Vaticano II.⁶⁷ A doutrina das “*semina verbi*”⁶⁸ de Justino resgatada pelo Concílio, apontará que em todo e qualquer lugar, toda e qualquer tradição ou cultura, existem sementes do verbo adormecidas que podem ser despertadas (AG, 11).⁶⁹

Assim sendo, na visão contemporânea, há uma abertura no que se refere a noção de lugar teológico. O conceito deixa de estar muito ligado a uma intelecção de teologia apenas e passa a ter um sentido mais real. Lugar teológico é, pois, toda experiência humana enquanto “*lugar de sentido*”. Nessa acepção, portanto, privilegiam-se as experiências carregadas de densidade existencial, de modo que qualquer lugar em que se decidem a história e a vida humana, torna-se lugar teológico de nova e diversificada teologia.⁷⁰

O sistema da existência de muitos lugares teológicos além de dar uma maior liberdade a teologia, confirma aquilo que a Sagrada Escritura diz em muitas passagens, apontando que o Evangelho influi sobre tudo o que existe, a criação e a criatura, “*muitas vezes e de muitos modos*” (Hb 1,1)^{71,72} Deste modo, graças a essa abertura, é possível falar da diversidade de lugares teológicos e da diversidade de teologias,

⁶⁶ FISICHELLA; LATOURELLE, 1994, p. 551.

⁶⁷ CAMPESE, Gioacchino. **Hacia una teología desde la realidad las migraciones: método y desafíos**. Guadalajara: Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Occidente, 2005, p. 26. Disponível em: <<https://rei.iteso.mx/xmlui/themes/Mirage2/bookview/template.html?path=/bitstream/handle/11117/4679/Teologia%20y%20Migración.pdf?sequence=3&isAlloved=y#page=24>>. Acesso em: 05 mar. 2022.

⁶⁸ Expressão latina que significa “*sementes do verbo*”.

⁶⁹ DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II. **Decreto Ad Gentes sobre a atividade missionária da Igreja**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1997, p. 448.

⁷⁰ LIBANIO, 1996, p. 48-49.

⁷¹ BÍBLIA de Jerusalém, 2015, p. 2085.

⁷² FISICHELLA; LATOURELLE, 1994, p. 552.

o que contribui muito com a caminhada de reconhecimento também da liturgia como autêntico lugar teológico.

1.3 A RELAÇÃO ENTRE LITURGIA E “LUGAR TEOLÓGICO”

Perguntar pela relação entre liturgia e teologia é perguntar pela liturgia como lugar teológico.⁷³ Num primeiro momento, em seu significado imediato, liturgia pode parecer estar até dissociada da teologia, entretanto, mesmo preservando o sentido operativo original do termo, percebe-se que a liturgia está na esfera da teologia pois toda ação ritual sagrada implica necessariamente, por sua própria natureza, uma relação de diálogo com Deus.⁷⁴

Além disso, a liturgia é uma realidade existencial e simbólica e como tal pode ser considerada fonte adequada de conhecimento teológico.⁷⁵ Na antiguidade cristã, sobretudo na patrística, liturgia não era apenas considerada teologia, mas era chamada de “*theologia prima*”⁷⁶, ou seja, teologia que tem precedência sobre todas as demais teologias.⁷⁷

Contudo, é devido a retomada do axioma “*lex orandi – lex credendi*” (CIgC, 1124)⁷⁸, que a condição de lugar teológico voltou a ser atribuída fortemente à liturgia.⁷⁹ Os padres da Igreja e os teólogos do primeiro milênio caminharam muito no espírito desse axioma, embora muitos não o tenham conhecido enquanto escrito.⁸⁰ Provindo do século V, considerado de autoria de Próspero de Aquitânia^{81, 82} o axioma aponta

⁷³ TABORDA, Francisco. **O memorial da páscoa do Senhor: Ensaios litúrgicos-teológicos sobre a eucaristia**. São Paulo: Loyola, 2009, p. 31.

⁷⁴ MARSILI, Salvatore. **Teologia Litúrgica**. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (org.). **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Paulinas; Lisboa: Paulistas, 1992, p. 1174.

⁷⁵ TABORDA, 2009, p. 31.

⁷⁶ Expressão latina que significa “*teologia primeira*”.

⁷⁷ MARSILI, 1992, p. 1174.

⁷⁸ Expressão latina que significa, basicamente: “*A norma do orar determina a norma do crer*”. [CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1998, p. 317.]

⁷⁹ TABORDA, 2009, p. 31.

⁸⁰ FERNANDES. In: REVISTA Contemplação. 2020, p. 51.

⁸¹ Teólogo leigo, de influência agostiniana, autor de obras de grande relevância teológica. [TABORDA, 2009, p. 22-23.]

⁸² TABORDA, 2009, p. 22.

sucintamente que a oração (liturgia, celebração) é o que determina a norma do crer (teologia, reflexão sobre a fé).⁸³

Em síntese, nesse axioma encontra-se o fundamento da liturgia como lugar teológico. Ora, a experiência cristã começa a fazer parte da vida humana através de sinais e símbolos e nesses, o ser humano atualiza sua verdade mais nuclear com todas as suas faculdades. Isso é o que acontece na liturgia. A liturgia é uma maneira de ser da revelação cristã e assim sendo, produz em quem dela participa certo conhecimento acerca de Deus, pois ela, em sentido profundo e amplo, é diálogo com Deus.⁸⁴

A liturgia deixou de ser, no entanto, o momento e a razão da teologia e, a ação litúrgica teologia em todos os sentidos, quando limitando-se apenas a um ritualismo pobre, a cerimônias limitadas à obediência não criativa de rubricas, a liturgia despojou-se do seu conteúdo central, o mistério pascal de Cristo.⁸⁵ Em suma, a liturgia distanciou-se da teologia quando os teólogos se preocuparam apenas em responder à pergunta “*como se deve celebrar*”, sem se interrogar sobre “*o que se celebra*” nem o “*porque se celebra*”.⁸⁶

A liturgia voltou a relacionar-se com a teologia na metade do século XVIII.⁸⁷ O Movimento Litúrgico que terá seu ápice no Concílio Vaticano II, nascerá e se desenvolverá a partir de uma profunda consciência da liturgia como lugar teológico.⁸⁸ A evolução da teologia litúrgica incentivada por inúmeros teólogos do século XIX e XX apenas preparará os ânimos e os materiais para que o Concílio ratifique seus propósitos através da constituição *Sacrosanctum Concilium*.⁸⁹

⁸³ FERNANDES. In: REVISTA Contemplação. 2020, p. 51.

⁸⁴ TABORDA, 2009, p. 32.

⁸⁵ FERNANDES. In: REVISTA Contemplação. 2020, p. 51.

⁸⁶ COSTA, Bernardino. **O Movimento Litúrgico e a redescoberta da qualidade teológica da liturgia:** Antônio Coelho e a dimensão teológica do mistério celebrado. Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2010, p. 136. In: DIDASKALIA, 40(2). Disponível em: <<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:y-HAsXYrKwoJ:https://revistas.ucp.pt/index.php/didaskalia/article/view/2285/2204+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 05 fev. 2022.

⁸⁷ FERNANDES. In: REVISTA Contemplação. 2020, p. 52.

⁸⁸ COSTA, 2010, p. 137. In: DIDASKALIA.

⁸⁹ FERNANDES. In: REVISTA Contemplação. 2020, p. 52-53.

Para finalizar, é importante frisar: liturgia é a vivência do mistério de Cristo,⁹⁰ exercício da função sacerdotal de Cristo (SC, 7),⁹¹ em poucas palavras, celebração do mistério de Cristo. A teologia aprofunda esse mistério,⁹² de modo que, a liturgia enquanto momento no qual se celebra esse mistério é lugar da experiência humana e sendo lugar da experiência humana é também “*lugar de sentido*” e lugar do qual se pode fazer teologia.⁹³

⁹⁰ CARVALHO, 2018, p. 15.

⁹¹ DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II, 1997, p. 38.

⁹² TABORDA, 2009, p. 33.

⁹³ LIBANIO, 1996, p. 49.

2 A MISTAGOGIA COMO MÉTODO TEOLÓGICO DA LITURGIA

Sabendo que a liturgia é um lugar teológico, graças sobretudo à retomada do axioma “*lex orandi – lex credendi*”, passa-se, então, ao segundo objetivo específico desta pesquisa: apresentar a mistagogia como método teológico da liturgia. Para esse segundo passo, far-se-á inicialmente um estudo aprofundado do termo “*mistagogia*” e das características que constituem o método teológico. Por fim, buscar-se-á apontar como a mistagogia se caracteriza como um método teológico, especificamente, como um método teológico da liturgia.

Mistagogia e método teológico são os conceitos-chave desse segundo capítulo. Enquanto termos, eles se encontram intimamente juntos em obras de cunho litúrgico-catequético. Para o bom desenvolvimento da redação dessa pesquisa, assim como foi feito no primeiro capítulo, eles serão trabalhados inicialmente em si mesmos, como significação e conceito, para depois serem relacionados.

2.1 O TERMO “*MISTAGOGIA*”

O termo “*mistagogia*” tem sua origem no verbo grego “*myeo*”, que está ligado, sempre no contexto sagrado, ao significado de “*ensinar uma doutrina*” e “*iniciar nos mistérios*”.⁹⁴ Ele se constitui enquanto palavra através da junção de dois vocábulos gregos, “*mystes*” que significa mistério e “*agein*” que significa conduzir.⁹⁵

Guiar ao mistério, em grego, é descrito pela palavra “*mystagogheín*”.⁹⁶ Mistério, porém, biblicamente falando, é um conceito de cunho escatológico, que faz referência a acontecimentos vividos na história.⁹⁷ Na apocalíptica judaica, encontram-se as raízes da palavra mistério (*mystérion*, em grego), que significa, em suma, desígnio secreto divino que somente Deus pode revelar.⁹⁸

⁹⁴ MAZZA, Enrico. **A mistagogia**: as catequeses litúrgicas do final do século IV e seu método. São Paulo: Loyola, 2020, p. 20.

⁹⁵ COSTA, Rosemary Fernandes da. **A mistagogia em Cirilo de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2015, p. 16.

⁹⁶ BOSELLI, Goffredo. **O sentido espiritual da liturgia**. Brasília: Edições CNBB, 2014, p. 12.

⁹⁷ FISICHELLA; LATOURELLE, 1994, p. 649.

⁹⁸ BOSELLI, 2014, p. 19.

No Novo Testamento, a palavra mistagogia ainda não aparece para designar “*iniciação ao mistério*”. Os autores neotestamentários apenas fazem alusão ao chamado “*mistério de Deus*”.⁹⁹ Paulo, na primeira carta aos Coríntios, define-se como aquele que veio para anunciar “*o mistério de Deus*” (1Cor 2,1),¹⁰⁰ pois, ele mesmo, entende-se como aquele ao qual o “*conhecimento do mistério de Deus*” foi revelado (Ef 3,3).¹⁰¹

Para Paulo, o mistério é a vontade de Deus e Jesus Cristo foi o enviado do Pai para revelar esse mistério.¹⁰² De acordo com o apóstolo, a vontade de Deus é “*reencabeçar em Cristo tudo o que existe no céu e na terra*” (Ef 1,10).¹⁰³ Ademais, em síntese, Cristo não é apenas o revelador do mistério de Deus, mas Ele mesmo é o mistério que se revelou a toda a humanidade plenamente por meio da paixão e morte na cruz.¹⁰⁴

Nos evangelhos sinóticos, Jesus aparece, no contexto de explicação das parábolas do Reino, como o mestre que revela aos discípulos “*os mistérios do Reino dos Céus*” (Mt 13,11; Mc 4,10; Lc 8,10).¹⁰⁵ Apesar dessa profunda compreensão contida nesses escritos, é somente mais tarde, em ambientes sob forte influência da cultura grega, que se dará uma passagem determinante que mudará os rumos da história, sobretudo, no que diz respeito à compreensão de mistério.¹⁰⁶

Nos primeiros séculos da Igreja, precisamente nos séculos III e IV, há um movimento que busca formar e estruturar o catecumenato, isto é, uma forma de evangelização destinada àqueles e àquelas que querem aderir, fazer parte da comunidade cristã.¹⁰⁷ Como parte dessa formação e elaboração, esse movimento, composto principalmente de padres da Igreja, assume um conceito de mistério diferente do que era usado habitualmente. Para os padres da Igreja, mistério não é uma realidade escondida da qual não se pode falar, mas uma revelação do

⁹⁹ BOSELLI, 2014, p. 20.

¹⁰⁰ BÍBLIA de Jerusalém, 2015, p. 1995.

¹⁰¹ BÍBLIA de Jerusalém, 2015, p. 2042.

¹⁰² BOSELLI, 2014, p. 20.

¹⁰³ BÍBLIA de Jerusalém, 2015, p. 2040.

¹⁰⁴ BOSELLI, 2014, p. 20.

¹⁰⁵ BÍBLIA de Jerusalém, 2015, p. 1727; 1764; 1802.

¹⁰⁶ BOSELLI, 2014, p. 20.

¹⁰⁷ COSTA, Rosemary Fernandes da. **Mistagogia hoje: O resgate da experiência dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e catequese atuais.** São Paulo: Paulus, 2014, p. 15.

segredo de Deus e da sua vontade, na qual Jesus Cristo se destaca como grande responsável por revelar.¹⁰⁸

Assim sendo, é nos padres da Igreja que o termo mistagogia ganhará forte destaque. Entendido no significado de “*iniciação aos mistérios*”, o termo irá indicar tanto o ensinamento de Jesus aos discípulos e à multidão, quanto, em sentido mais amplo, a pregação do Evangelho por parte dos Apóstolos.¹⁰⁹ No entanto, os padres aplicarão o termo para diferentes realidades, demonstrando assim que esse é um conceito bem abrangente, que abarca não somente a liturgia, mas também a teologia e a pastoral.¹¹⁰

Na história, duas foram as principais tendências que buscaram chegar a uma compreensão do termo mistagogia. Essas duas tendências tiveram origem nos dois primeiros grandes estudiosos do assunto, Pie Duployé¹¹¹ e Jean Daniélou^{112, 113}. Esses dois estudiosos viveram no século XX e destacaram-se por aprofundarem suas pesquisas no campo da liturgia e da patrologia.¹¹⁴

Para Duployé, a mistagogia diz respeito a textos poéticos nos quais se encontram leis próprias que não são as leis da teologia, pois a mistagogia pertence ao universo da festa, onde há alegria, entusiasmo e poesia em estado puro e o mistério é descrito de modo simples e cheio

¹⁰⁸ BOSELLI, 2014, p. 20

¹⁰⁹ BOSELLI, 2014, p. 20-21.

¹¹⁰ COSTA, 2015, p. 17.

¹¹¹ Pie Gustave Duployé (1906-1990) foi um expressivo teólogo dominicano que se destacou por ser um dos fundadores dos institutos litúrgicos na França. Sua obra mais conhecida é sua tese de doutorado que virou livro. Ela intitula-se “*La religion de Peguy*” e tem 44 edições publicadas em 4 idiomas, além de permanecer disponível em 463 bibliotecas membros da WorldCat espalhadas pelo mundo. [WORLDCAT IDENTITIES. **Pié duployé**: Overview. 2021. Disponível em: <<http://worldcat.org/identities/lccn-n84188746/>>. Acesso em: 26 out. 2021.]

¹¹² Jean Guenolé Marie Daniélou (1905-1974) foi um bispo jesuíta, cardeal e teólogo francês, membro da academia francesa, patrólogo e historiador conhecido internacionalmente. [RAVASI, Gianfranco. **Jean Daniélou, vida (e morte) de um teólogo**. Tradução de Moisés Sbardelotto. Milão: Il Sole 24 Ore, 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/507457-jean-danielou-vida-e-morte-de-um-teologo-artigo-de-gianfranco-ravasi>>. Acesso em: 28 out. 2021.]

¹¹³ MAZZA, 2018, p. 18.

¹¹⁴ RAVASI. Tradução de Moisés Sbardelotto. 2012; WORLDCAT IDENTITIES. **Pié duployé**: Overview. 2021.

de fervor sagrado. Já, para Daniélou, a mistagogia é uma catequese sobre os mistérios que se dá após a celebração dos sacramentos da iniciação cristã.¹¹⁵

Pierre-Marie Gy¹¹⁶, outro estudioso do assunto, atribuiu três significados principais ao termo mistagogia. Para Gy, baseando-se em João Crisóstomo, Cirilo de Jerusalém e Dionísio, três dos grandes padres da Igreja, a mistagogia é, respectivamente, a celebração dos sacramentos da iniciação cristã, a catequese sobre esses mesmos sacramentos e uma teologia fortemente espiritualizada que se nutre da experiência litúrgica.¹¹⁷

René Bornert¹¹⁸, entretanto, foi o autor que melhor sintetizou a complexidade das formas e dos conteúdos da mistagogia. De acordo com Bornert, a mistagogia gira em torno de dois significados: em primeiro lugar, ela é a realização de uma ação sagrada e, num segundo momento, a explicação oral ou escrita do mistério escondido na Sagrada Escritura e celebrado na liturgia. Em suma, mistagogia possui um objeto de conhecimento único, o mistério de Deus, e esse possui duas formas de se expressar, através da Sagrada Escritura e através da liturgia.¹¹⁹

Atualmente, porém, mistagogia é entendida como a catequese sobre os sacramentos com uma particular referência ao âmbito da Iniciação Cristã e à profundidade espiritual da explicação dos ritos litúrgicos.¹²⁰ Embora não se resuma a isso, ela está definida como um dos tempos do catecumenato, a última fase, onde após celebrados os

¹¹⁵ MAZZA, 2020, p. 18.

¹¹⁶ Pierre-Marie Gy (1922-2004) foi um teólogo e liturgista francês da Ordem dos Irmãos Pregadores (Dominicanos). Foi vice-diretor nacional do Centro de Pastoral Litúrgica e consultor da Congregação para o Culto Divino. [PORTAL PERSEUS. Gy, Pierre-Marie (1922-2004). Disponível em: <<https://www.persee.fr/authority/396721>>. Acesso em: 13 abr. 2022.]

¹¹⁷ MAZZA, 2020, p. 21.

¹¹⁸ René Bornert, padre e teólogo francês, é um autor que possui inúmeros escritos no campo da liturgia. Sua obra de maior destaque é "*La réforme protestante du culte à Strasbourg au XVIe siècle (1523-1598): approche sociologique et interprétation théologique*" que possui 13 edições publicadas em francês e inglês e é mantida em 314 bibliotecas membros da WorldCat espalhadas pelo mundo. [WORLDCAT IDENTITIES. René Bornert: Overview. 2021. Disponível em: <<http://worldcat.org/identities/lccn-n81112370/>>. Acesso em: 29 out. 2021.]

¹¹⁹ BOSELLI, 2014, p. 18-19.

¹²⁰ MAZZA, 2020, p. 17

sacramentos do Batismo, da Crisma e da Eucaristia, a comunidade, unida aos recém-iniciados, progride no conhecimento do mistério pascal e em sua vivência cada vez maior (CNBB, Doc. 107, 173).¹²¹

2.2 CARACTERÍSTICAS DO MÉTODO TEOLÓGICO

Tendo apreendido algumas informações acerca do termo mistagogia, passa-se agora a tratar das características do método teológico. Método é uma palavra que vem do grego “*methodos*” e significa caminho ou via, meio pelo qual se chega a um fim. O seu significado original aponta para o caminho que conduz a alguma parte, algum lugar. A palavra método, entretanto, pode se referir a diversos conceitos ou campos da investigação racional.¹²²

Em teologia, o entendimento do método se dá com o objetivo de expor os fundamentos e os pressupostos do conhecimento teológico. Em suma, o método teológico tem como finalidade evidenciar o valor das afirmações sobre a reflexão teológica em geral, empenhando-se nos diversos conteúdos específicos da fé.¹²³

Tradicionalmente, tem-se organizado o método teológico em duas dimensões, que às vezes, são assumidas por teólogos como dois passos sequenciais: *auditus fidei* e *intellectus fidei*.¹²⁴ A reflexão sobre o método em teologia, porém, ganha uma minuciosidade maior, visto que nela se encontram, além desses dois momentos, o próprio estudo das normas, dos critérios e das operações que o teólogo realiza para desenvolver corretamente sua atividade teológica.¹²⁵

O momento teológico do “*auditus fidei*” está ligado basicamente à constatação geral de que não há conhecimento sem

¹²¹ CONFERÊNCIA Nacional dos Bispos do Brasil. **Iniciação à Vida Cristã:** itinerário para formar discípulos missionários. Edições CNBB: Aparecida, 2017, p. 77.

¹²² EQUIPE editorial de “*Conceito.de*”. **Conceito de método.** 2010. Disponível em: <<https://conceito.de/metodo>>. Acesso em: 18 abr. 2022.

¹²³ FISICHELLA; LATOURELLE, 1994, p. 607.

¹²⁴ DUQUE, João. **A teologia como caminho:** considerações sobre o método teológico. Braga: Faculdade de Teologia (UCP), 2014. In: DIDASKALIA. **Métodos em teologia.** Lisboa: Revista da Faculdade de Teologia, 2009, v. XXXIX, p. 18. Disponível em: <<https://revistas.ucp.pt/index.php/didaskalia/article/view/1906>>. Acesso em: 22 abr. 2022.

¹²⁵ FISICHELLA; LATOURELLE, 1994, p. 607.

pressupostos. Em poucas palavras, no caso da teologia, não existe conhecimento que não parta de uma revelação, dada e fundada realmente na história. Esse primeiro momento teológico, em suma, tem por função compreender e estabelecer quais os elementos que são revelados, sendo dados a crer, com base nos quais se pode construir o edifício do saber teológico.¹²⁶

O segundo momento ou segunda dimensão do método teológico tradicional, o *“intellectus fidei”*, é o que se pode chamar de racionalidade da teologia. Nesse segundo momento, leva-se em conta não somente a confirmação dos conteúdos da fé através de uma racionalidade externa, mas antes uma avaliação da própria dimensão racional do crer. Para esse exercício, faz necessária uma noção plural de racionalidade bem como a capacidade de diálogo da racionalidade crente com outras ciências e com outros modos de racionalidade.¹²⁷

O pensamento do Concílio Vaticano II sobre a natureza e o método da teologia está expresso no decreto *“Optatam Totius”*. Nesse documento, destinado mais precisamente à formação presbiteral, compreendem-se o sentido e o alcance que deve ter o método teológico.¹²⁸ Para o documento, a Sagrada Escritura deve ser como que *“a alma de toda a teologia”* (OT, 16),¹²⁹ dado que o desenvolvimento bíblico está nas bases das verdades que se busca aprofundar. Entretanto, mais do que impor um esquema rígido, o decreto aponta para algumas orientações metodológicas essenciais. De acordo com o decreto, a reflexão teológica deve ser pensada de um modo orgânico e unitário, centrada na pessoa de Jesus Cristo, no mistério da Salvação, com especial atenção à antropologia e às dimensões pastoral e espiritual.¹³⁰

Para o teólogo brasileiro Clodovis Boff¹³¹, quando se fala em metodologia teológica, existem quatro níveis de profundidade crescente

¹²⁶ DUQUE. In: DIDASKALIA, 2009, v. XXXIX, p. 18-19.

¹²⁷ DUQUE. In: DIDASKALIA, 2009, v. XXXIX, p. 29.

¹²⁸ FISICHELLA; LATOURELLE, 1994, p. 608.

¹²⁹ DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II. **Decreto *Optatam Totius sobre a formação sacerdotal***. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1997, p. 312.

¹³⁰ FISICHELLA; LATOURELLE, 1994, p. 608-609.

¹³¹ Clodovis Boff (1944) é um frade dos servos de Maria, doutor em Teologia e Prática, autor dos livros *“Como fazer teologia da libertação”* (com Leonardo Boff) e *“Teologia pé-no-chão”*, ambos pela Editora Vozes. É professor emérito da Pontifícia Universidade Católica – PUC do Rio de Janeiro-RJ e membro do ISER/Assessoria. [BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, Contracapa.]

que precisam ser levados em conta. São eles: 1º o nível das técnicas; 2º o nível do método propriamente dito; 3º o nível da epistemologia ou do discurso do método; e 4º o nível do espírito teológico. De acordo com Boff, para que um método teológico seja realmente proveitoso, o hábito de teologizar precisa necessariamente desses quatro níveis, ocupando-se mais demoradamente do segundo e do terceiro nível.¹³²

O nível das técnicas, segundo Boff, seriam os recursos que a teologia usa, ou seja, os meios e modos que entram em seu exercício. O nível do método propriamente dito seriam as etapas por onde passa o processo da prática teológica. O nível da epistemologia ou do discurso do método seria a busca por fundamentação crítica e justificação racional, em outras palavras, o lado filosofante do método. Por fim, o nível teológico do método seria a busca por entender que, por trás da prática teológica, existe um espírito que atravessa e sustenta tudo, em poucas palavras, um mistério.¹³³

Ainda, de acordo com Boff, como em toda ciência, também na teologia é preciso distinguir objeto material de objeto formal. Para o autor, o objeto material da teologia é, em primeiro lugar, Deus e depois tudo o mais. O objeto formal da teologia também é Deus, só que nesse viés, Deus enquanto revelado. Além disso, segundo Boff, toda e qualquer realidade, na medida em que se relaciona com o Deus revelado, também pode ser considerada objeto formal da teologia.¹³⁴

É óbvio que as características do método teológico vão muito mais além do que foi apresentado. Leve-se em conta, porém, que algumas especificidades foram abordadas na redação desse item. É preciso estar consciente de que a teologia anda sempre acompanhada da vida da Igreja através dos séculos da história, apresentando-se assim de formas diversas e adaptando-se aos mais diferentes ambientes histórico-culturais.¹³⁵

2.3 A MISTAGOGIA DOS PADRES DA IGREJA NO FIM DO IV SÉCULO: UM AUTÊNTICO MÉTODO TEOLÓGICO

A mistagogia como método teológico é encontrada nos escritos dos padres da Igreja, principalmente naqueles que viveram e

¹³² BOFF, 1999, p. 16-17.

¹³³ BOFF, 1999, p. 16-17.

¹³⁴ BOFF, 1999, p. 55.

¹³⁵ FISICHELLA; LATOURELLE, 1994, p. 607.

exerceram seu ministério no final do IV século. Grande parte desses escritos pertence ao gênero literário “*homilia*”, ou seja, são reflexões elaboradas para as celebrações que possuem a forma de “*catequese mistagógica*”.¹³⁶

A mistagogia nos escritos dos padres da Igreja, em suma, é a pedagogia do mistério.¹³⁷ De acordo com esses documentos, como método aplicado a toda área da ação litúrgica, a mistagogia elabora a inteligência do mistério, isto é, o conteúdo teológico do mistério.¹³⁸ Para elaborar o conteúdo do mistério, a mistagogia faz uso da “*tipologia*”, uma hermenêutica própria que serve para interpretar a história a partir da revelação de Deus no Antigo e no Novo Testamentos.¹³⁹

Em poucas palavras, a tipologia consiste em interpretar os eventos e as figuras (do grego “*τύποι*”) do Antigo Testamento para ver nelas já prefigurado, isto é, já presente em figura, o mistério de Cristo.¹⁴⁰ Na tipologia, mediante a interpretação, o texto literário do Antigo Testamento sempre tem referência ou corresponde às realidades apresentadas pelo Novo Testamento,¹⁴¹ de maneira que, àquela Palavra que atravessou toda a história do povo de Israel seja entendida como a mesma Palavra que, na plenitude dos tempos “*se fez carne*” (Jo 1,14) na pessoa de Jesus Cristo.¹⁴²

Jesus foi o primeiro a fazer uso da tipologia. Ele usa-a, sobretudo, para explicitar os ensinamentos acerca de si mesmo.¹⁴³ Eis um exemplo:

Eu sou o pão da vida. Vossos pais comeram no deserto o maná e morreram. Este é o pão que desce do céu para que não pereça quem dele comer. Eu sou pão vivo descido do céu. Quem comer deste pão viverá para sempre. O pão que eu

¹³⁶ MAZZA, 2020, p. 19.

¹³⁷ COSTA, 2014, p. 15.

¹³⁸ MAZZA, 2020, p. 25.

¹³⁹ DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e Liturgia**: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos padres da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 12.

¹⁴⁰ BOSELLI, 2014, p. 25.

¹⁴¹ MAZZA, 2020, p. 33.

¹⁴² BOSELLI, 2014, p. 23.

¹⁴³ DANIÉLOU, 2013, p. 12.

darei é a minha carne para a vida do mundo (Jo 6,48-51).¹⁴⁴

Nessa passagem, pode-se notar que Jesus usa da figura, imagem do “*maná*” contida no Antigo Testamento para revelar o mistério acerca de si mesmo como “*pão da vida*”. Isso é tipologia. Entretanto, esse método só se torna explícito em Jesus porque ele, acima de tudo, tem consciência de que a missão que recebera do Pai não foi inaugurada com sua Encarnação, mas é historicamente anterior a ela, pois é cumprimento das promessas contidas no Antigo Testamento.¹⁴⁵

Nos escritos de Paulo, encontra-se um dos mais importantes textos para fundamentação bíblica da tipologia: o décimo capítulo da primeira carta aos Coríntios (1Cor 10). Nesse texto, Paulo utiliza de uma imagem do Antigo Testamento para prefigurar uma realidade, um acontecimento do Novo Testamento. Para Paulo, assim como a passagem pelas águas do Mar Vermelho significou o fim da escravidão do povo e o início de uma nova vida, assim também a passagem do ser humano pelas águas do Batismo representa o fim da escravidão do pecado e o início de uma nova vida em Cristo.¹⁴⁶

À aplicação da tipologia, como método hermenêutico para ler a Escritura, dá-se o nome de exegese espiritual. À aplicação da tipologia, como método hermenêutico entender a liturgia, dá-se o nome de mistagogia. Aplicar a tipologia à liturgia foi o trabalho que fizeram os padres da Igreja.¹⁴⁷ Para os padres da Igreja, os vários ritos da liturgia, principalmente da iniciação cristã, possuem uma profunda relação com os eventos da história da salvação narrados pela Sagrada Escritura.¹⁴⁸

Segundo Enrico Mazza¹⁴⁹, estudioso do tema da mistagogia, embora se tenha a prática da mistagogia em vários padres da Igreja dos séculos II a IV, existem nesses mesmos autores, diversas formas de se entender mistagogia. Para Mazza, isso acontece porque as homilias

¹⁴⁴ BÍBLIA de Jerusalém, 2015, p. 1858-1859.

¹⁴⁵ DANIÉLOU, 2013, p. 12.

¹⁴⁶ DANIÉLOU, 2013, p. 15-16.

¹⁴⁷ BOSELLI, 2014, p. 25.

¹⁴⁸ MAZZA, 2020, p. 23.

¹⁴⁹ Dr. Enrico Mazza é um teólogo e liturgista, professor na Universidade Católica de Milão e na Faculdade de Liturgia de Santo Anselmo em Roma, na Itália. É um dos maiores especialistas da atualidade no estudo das Orações Eucarísticas. [MAZZA, 2020, Contracapa.]

oferecidas são muito diversas entre si.¹⁵⁰ De acordo com o autor, para ser preciso e buscar a mistagogia como autêntico método teológico da liturgia, as catequeses mistagógicas dos padres da Igreja do final do IV século são os melhores textos, ou melhor dizendo, os únicos textos, visto que que a tipologia bíblica entrará mais tarde numa crise que será irreversível.¹⁵¹

Assim sendo, para Mazza, as catequeses mistagógicas são um fenômeno restrito no tempo e no espaço: por volta do fim do século IV e para as Igrejas que fornecem documentação. Ainda, segundo o autor, a explicação da liturgia em geral sempre existiu na Igreja, contudo, através do gênero litúrgico e literário “*catequese mistagógica*” aparece fortemente no fim do IV século.¹⁵²

Para Mazza, cinco autores são essenciais quando se quer falar de mistagogia no final do IV século. São eles: Ambrósio de Milão, Teodoro de Mopsuéstia, João Crisóstomo, Cirilo de Jerusalém e Agostinho de Hipona.¹⁵³ Para esses autores, a Palavra de Deus é a fonte da mistagogia e as ações litúrgicas são sinal e presença do próprio Cristo.¹⁵⁴

Tomando como exemplo um fragmento de uma das catequeses mistagógicas de João Crisóstomo, pode-se ter uma noção de como a tipologia é usada no processo da mistagogia pelos padres. Em suma, nessa catequese, Crisóstomo busca apontar como a celebração do Batismo com seus ritos é a imagem do mistério pascal da paixão, morte e ressurreição do Senhor:

Quando fores introduzido à sagrada iniciação, os olhos da carne veem a água, os olhos da fé vislumbram o Espírito; aqueles veem o corpo imerso na água, estes, o homem velho sepultado; aqueles, a carne lavada, estes, a alma purificada; aqueles o corpo que sai das águas, estes descobrem o homem novo [Ef 4,24] e esplendoroso, que sai dessa sagrada purificação. E

¹⁵⁰ MAZZA, 2020, p. 19.

¹⁵¹ MAZZA, 2020, p. 215.

¹⁵² MAZZA, 2020, p. 19-20.

¹⁵³ Como se pode constatar no sumário de sua obra “*A mistagogia: as catequeses litúrgicas do final do século IV e seu método*”. [MAZZA, 2020, p. 5-7.]

¹⁵⁴ COSTA, 2015, p. 17-19.

aqueles veem o sacerdote que do alto impõe a mão direita e toca na cabeça; estes descobrem o grande e sumo sacerdote, que estende dos céus a direita invisível e toca na cabeça; com efeito, não é um homem que batiza, mas o próprio unigênito Filho de Deus.¹⁵⁵

De acordo com Mazza, a mistagogia dos padres da Igreja do fim do IV século pode ser entendida através de cinco passos metodológicos: 1º descrever o rito ou ação litúrgica ao qual se quer explicar; 2º identificar esse rito na Sagrada Escritura; 3º aprofundar o evento salvífico narrado pelo rito; 4º retornar ao rito; e 5º explicar o dinamismo do conjunto ritual a partir de uma terminologia sacramental. Para Mazza, as duas etapas essenciais da mistagogia, de acordo com os padres, são a segunda e a quarta,¹⁵⁶ sendo que a ferramenta-base, isto é, a tipologia bíblica, é entendida como o meio pelo qual mistério, celebração e explicitação do sentido do mistério são englobados em uma mesma realidade.¹⁵⁷

¹⁵⁵ JOÃO CRISÓSTOMO. **Catequese III**, 3. In: MAZZA, 2020, p. 167.

¹⁵⁶ MAZZA, 2020, p. 215-217.

¹⁵⁷ TABORDA, 2009, p. 31.

3 A CONTEMPORANEIDADE DA MISTAGOGIA COMO MÉTODO TEOLÓGICO DA LITURGIA

A mistagogia como método teológico é um tema que tem sido muito trabalhado por autores na contemporaneidade, seja no campo da liturgia seja no campo da catequese. Antes de mais nada, vale destacar aqui que, quando se fala “*contemporaneidade*”, entende-se a característica ou estado de ser contemporâneo, em suma, refere-se ao que acontece na época ou tempo presente.¹⁵⁸

Tratar do tema da contemporaneidade da mistagogia como método teológico da liturgia requer uma recordação de acontecimentos ocorridos recentemente na história da Igreja, bem como, de pessoas e autores que trataram do tema da mistagogia. Inicia-se, pois, este processo pelo grande marco da acolhida da modernidade na Igreja,¹⁵⁹ já tratado nos capítulos anteriores deste trabalho, o Concílio Vaticano II. Abordar-se-á no primeiro tópico deste capítulo, o que pensou o Concílio Vaticano II acerca do tema da mistagogia.

3.1 O CONCÍLIO VATICANO II E A MISTAGOGIA

O Concílio Vaticano II impulsionou uma renovação da catequese na Igreja.¹⁶⁰ Convocou a todos os responsáveis pela transmissão da fé a procurar novos caminhos, lendo os sinais dos tempos e buscando escutar o Espírito Santo. Em síntese, o Vaticano II

¹⁵⁸ DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Contemporaneidade**. 7 Graus, 2009-2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/contemporaneidade/>>. Acesso em: 28 out. 2021.

¹⁵⁹ Vários autores sustentam a tese de que o Concílio Vaticano II abriu a Igreja para a modernidade ou também chamada contemporaneidade. No artigo “*O Concílio Vaticano II e a Modernidade*”, o autor Arnaldo de Pinho desenvolve esta tese. [PINHO, Arnaldo de. **O Concílio Vaticano II e a Modernidade**. Porto: Revista Humanística e Teologia, 2013, p. 133-142. Disponível em: <<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/19177/1/Conc%C3%ADlio%20Vaticano%20II%20e%20a%20Modernidade.PDF>>. Acesso em 13 nov. 2021.]

¹⁶⁰ PAGNUSSAT, Leandro Francisco. **Formação cristã e mistagogia nos documentos do Concílio Vaticano II**. In: REVISTA VIDA PASTORAL. **O ministério do catequista: uma missão antiga e sempre nova**. Ed. 343. São Paulo: Paulus, 2022, p. 20-27. Disponível em: <<https://www.vidapastoral.com.br/edicao/formacao-crista-e-mistagogia-nos-documentos-do-concilio-vaticano-ii/>>. Acesso em: 23 abr. 2022.

recomendou oficialmente uma restauração adaptada do catecumenato da Igreja primitiva (CNBB, Doc. 107, 47).¹⁶¹ Isso pode ser comprovado explicitamente na *Sacrosanctum Concilium* quando diz:

Restaurar-se o catecumenato dos adultos, com vários graus, introduzindo-se seu uso segundo o parecer do Ordinário do lugar, de modo que o tempo do catecumenato, dedicado à conveniente instrução, possa ser santificado por meio de ritos sagrados que se hão de celebrar em ocasiões sucessivas (SC, 64).¹⁶²

Além da proposta de restauração do catecumenato, o Concílio sentiu a necessidade de um documento para orientação catequética dos fiéis. Por isso, no decreto *Christus Dominus*, o Concílio prescreveu a elaboração de um diretório de formação catequética (CNBB, Doc. 107, 47):¹⁶³

Redijam-se [...] não só um Diretório especial sobre a cura pastoral de grupos particulares de fiéis, [...], mas também um Diretório da formação catequética do povo, que exponha os princípios fundamentais, a orientação e também o modo de redigir os livros desta matéria (CD, 44).¹⁶⁴

Sobre a mistagogia mais propriamente falando, o Concílio Vaticano II contribuiu em seu resgate quando redescobriu a categoria de mistério.¹⁶⁵ Além disso, ao indicar a iniciação cristã como proposta formativa (AG, 14; CD, 14),¹⁶⁶ o Concílio situa-a em relação à perspectiva mistagógica. Para o Concílio, um fundamental objetivo da iniciação cristã é introduzir a pessoa no *mistério* de Jesus Cristo

¹⁶¹ CONFERÊNCIA Nacional dos Bispos do Brasil, 2017, p. 32.

¹⁶² DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II, 1997, p. 59.

¹⁶³ CONFERÊNCIA Nacional dos Bispos do Brasil, 2017, p. 32.

¹⁶⁴ DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II. **Decreto *Christus Dominus* sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1997, p. 275-276.

¹⁶⁵ PAGNUSSAT, In: REVISTA VIDA PASTORAL, p. 20-27.

¹⁶⁶ DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II, 1997, p. 275; p. 276.

(*mystagogheín*), o que, por sua vez, exige uma interação entre *fé e vida*, que conduza a uma autêntica vivência cristã.¹⁶⁷

Em relação a formação cristã, o Concílio Vaticano II orientou acerca de certos princípios que precisam ser levados em conta quando se fala de educar na fé.¹⁶⁸ Para o Concílio:

[...] os batizados, ao serem introduzidos gradualmente no mistério da salvação, tomem cada vez melhor consciência do dom da fé que receberam; aprendam, principalmente na ação litúrgica, a adorar Deus Pai em espírito e verdade (Ef 4,22-24); [...] e, assim, alcancem o estado do homem [ser humano] perfeito [...] e colaborem no aumento do Corpo místico. [...] Mediante [...] os valores naturais, assumidos na consideração integral [...], cooperem no bem de toda a sociedade (GE, 44).¹⁶⁹

Em suma, entende-se que, no espírito do Concílio, a formação cristã nada mais é do que um acompanhamento mistagógico. De acordo com o Concílio, conforme o ser humano é mergulhado no mistério de Cristo é que sua educação na fé se realiza. Toda vida cristã, segundo o Concílio, nada mais é do que um grande caminho mistagógico que comporta o desenvolvimento e a assimilação progressiva dos dons recebidos de Deus.¹⁷⁰

3.2 A MISTAGOGIA NA IGREJA PÓS-CONCILIAR

Após o término do Concílio Vaticano II, muitos foram os esforços buscando pôr em prática as noções conciliares bem como o espírito que tal acontecimento eclesial causou na Igreja. Impulsionada pelo Concílio, a Igreja avançou na produção de documentos e por isso, hoje se possui grande acervo documental sobre as várias dimensões da

¹⁶⁷ PAGNUSSAT, In: REVISTA VIDA PASTORAL, p. 20-27.

¹⁶⁸ PAGNUSSAT, In: REVISTA VIDA PASTORAL, p. 20-27.

¹⁶⁹ DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II. **Declaração *Gravissimum Educationis* sobre a Educação Cristã**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1997, p. 325.

¹⁷⁰ PAGNUSSAT, In: REVISTA VIDA PASTORAL, p. 20-27.

Igreja refletidas no Concílio, inclusive sobre a própria catequese (CNBB, Doc. 107, 48).¹⁷¹

No que se refere à catequese, no pós-Concílio elaborou-se o Diretório Catequético Geral (1971), o Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (1973), entre outros documentos (CNBB, Doc. 107, 48).¹⁷² Ao tema específico da mistagogia, ganha destaque, o Ritual da Iniciação Cristã de Adultos, que foi o documento que incorporou a mistagogia como o último dos quatro tempos do catecumenato, inspirando-se na proposta da Igreja primitiva.¹⁷³

Além desses documentos, o sínodo extraordinário de 1985, celebrado por ocasião dos vinte anos do encerramento do Concílio Vaticano II, deu uma grande contribuição também para o campo da catequese na Igreja. Neste sínodo, refletindo sobre a palavra de Deus, os padres sinodais indicaram alguns elementos para renovação da liturgia e apontaram que o caminho para introduzir os fiéis à vida litúrgica é o das catequeses mistagógicas, essas pensadas e realizadas no mesmo estilo daquelas das quais se tem testemunho nos primeiros séculos da Igreja.¹⁷⁴

Os papas pós-conciliares, sobretudo Bento XVI¹⁷⁵ e Francisco¹⁷⁶, também apontaram para a necessidade de uma catequese

¹⁷¹ CONFERÊNCIA Nacional dos Bispos do Brasil, 2017, p. 32.

¹⁷² CONFERÊNCIA Nacional dos Bispos do Brasil, 2017, p. 32.

¹⁷³ FACCINI, Thiago Aparecido. **Raízes mistagógicas da liturgia cristã**. In: REVISTA ELETRÔNICA ESPAÇO TEOLÓGICO - REVELETEO. v. 8, n. 14, jul/dez 2014, p. 263-264. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/reveleteo/article/viewFile/21565/15814>>. Acesso em: 30 mai. 2022.

¹⁷⁴ BOSELLI, 2014, p. 27-28.

¹⁷⁵ Joseph Ratzinger nascido em Marktl am Inn, território da Diocese de Passau na Alemanha, nomeado Cardeal em 1977 e Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé em 1981, Decano do Colégio Cardinalício desde 2002, foi o 265º papa da história da Igreja Católica Apostólica Romana. [L'OSSERVATORE ROMANO. **Biografia de sua Santidade, Bento XVI**. Libreria Editrice Vaticana. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/biography/documents/hf_ben-xvi_bio_20050419_short-biography_old.html>. Acesso em: 06 jun. 2022.]

¹⁷⁶ Jorge Mario Bergoglio nascido em Buenos Aires, capital da Argentina, criado Cardeal em 2001 pelo papa João Paulo II, membro das Congregações para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, para o Clero, para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, membro do Pontifício Conselho para a Família, e da Pontifícia Comissão para a América Latina, é o 266º papa da história da Igreja Católica Apostólica Romana.

de cunho mistagógico. Em 2007, através da Exortação Apostólica pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*, Bento XVI aludiu explicitamente à mistagogia ao falar da educação e da celebração da fé. Em 2013, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, Francisco fez várias referências ao mistério de Deus e à história da salvação, mas também teceu, a partir de seu pensamento, uma reflexão sobre a mistagogia.¹⁷⁷

Para Bento XVI, é preciso promover uma educação da fé eucarística que predisponha os fiéis a viverem o que celebram e uma catequese de caráter mistagógico, segundo ele, é o método capaz de fazer os fiéis penetrarem cada vez mais os mistérios que celebram. Ainda, de acordo com Bento XVI, o itinerário mistagógico deve constituir-se de três elementos básicos: 1º interpretar os ritos à luz dos acontecimentos salvíficos; 2º introduzir no sentido dos sinais contidos nos ritos; e 3º mostrar o significado dos ritos para a vida cristã em todas as suas dimensões (SCa, 64).¹⁷⁸ Nesse tríptico objetivo, nota-se claramente uma síntese do modelo de mistagogia dos padres da Igreja.¹⁷⁹

Para Francisco, atual papa, a retomada da mistagogia é essencial, visto que ela:

[...] significa essencialmente duas coisas: a necessária progressividade da experiência formativa na qual intervém toda a comunidade e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã. [...] [Ademais,] O encontro catequético é um anúncio da Palavra e está

[L'OSSERVATORE ROMANO. **Biografia do Santo Padre, Francisco.** Vaticano: Libreria Editrice Vaticana. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/biography/documents/papa-francesco-biografia-bergoglio.html>>. Acesso em: 06 jun. 2022.]

¹⁷⁷ MENDES, Sérgio Gonçalves. **Mistagogia e o Magistério Católico recente:** uma nova perspectiva na teologia moral. In: ATEO. v. 21, n. 56. Rio de Janeiro, mai/ago 2017, p. 295-298. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/30398/30398.PDFXXvmi=>>>. Acesso em: 01 jun. 2022.

¹⁷⁸ BENTO XVI. **Exortação Apostólica pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis* sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja.** Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html>. Acesso em: 05 jun. 2022.

¹⁷⁹ MENDES. In: ATEO. 2017, p. 296.

centrado nela, mas precisa sempre de uma ambientação adequada e de uma motivação atraente, do uso de símbolos eloquentes, da sua inserção num amplo processo de crescimento e da integração de todas as dimensões da pessoa num caminho comunitário de escuta e resposta (EG, 44).¹⁸⁰

Atingindo todo o mundo de alguma forma, a necessidade de renovação da catequese pelo processo de iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal também chegou ao Brasil. Nessa proposta de renovação a nível nacional, salientou-se a necessidade de um processo de conversão pastoral para uma ação evangelizadora centrada na pessoa de Jesus Cristo (CNBB, Doc. 107, 59), continuada, sobretudo, através de um processo mistagógico de progressiva introdução ao mistério pascal de Cristo (CNBB, Doc. 107, 60).¹⁸¹

Para os bispos do Brasil, no processo de iniciação à vida cristã exerce um papel fundamental a mistagogia. Grosso modo, de acordo com os bispos, todo o processo de iniciação à vida cristã é mistagógico, pois é através da iniciação que o fiel é conduzido para dentro do mistério amoroso de Deus e para sua inserção dentro da comunidade eclesial (CNBB, Doc. 107, 61). Além disso, no âmbito da mistagogia, segundo os bispos, desempenha incontável destaque, em primeiro lugar, as celebrações litúrgicas e consequente a isso, o aprofundamento dos sacramentos da iniciação à vida cristã (CNBB, Doc. 107, 60).¹⁸²

Em suma, pode-se dizer que a partir do Concílio Vaticano II, o discurso teológico da Igreja resgatou vários elementos próprios da mistagogia. A centralidade da história da salvação, os mistérios da vida de Cristo, o uso cuidadoso e frequente das Escrituras, a preocupação de abrir os olhos e ouvidos da assembleia cristã à manifestação presente da graça de Deus são os principais aspectos que se pode enfatizar neste período pós-conciliar.¹⁸³

¹⁸⁰ FRANCISCO. **Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Loyola, 2013, p. 99.

¹⁸¹ CONFERÊNCIA Nacional dos Bispos do Brasil, 2017, p. 38-39.

¹⁸² CONFERÊNCIA Nacional dos Bispos do Brasil, 2017, p. 39.

¹⁸³ MENDES. In: ATEO. 2017, p. 299.

3.3 A CONTEMPORANEIDADE DA MISTAGOGIA

Como já visto, a mistagogia é um tema trabalhado pela Igreja, pelos papas e por tantos outros autores na contemporaneidade. Convém, porém, entender onde se encontra esta contemporaneidade da mistagogia. Sabendo que são muitos os autores que tratam desse assunto, far-se-á uso de três para comentar este tópico, a saber: Enrico Mazza, Goffredo Boselli¹⁸⁴ e Francisco Taborda¹⁸⁵.

Primeiramente, é importante destacar uma constatação trazida por Mazza em sua obra sobre a mistagogia. Escreve:

[...] a atual teologia dos sacramentos é caracterizada por dois elementos: a dificuldade em aceitar a perspectiva bíblica e, como tentativa de contornar esse inconveniente, [busca utilizar] a recuperação da teologia dos mistérios. [Conclui Mazza:] ambos os dados têm origem direta na perda da tipologia bíblica como método constitutivo da mistagogia.¹⁸⁶

Em síntese, para Mazza, a mistagogia enquanto método que une liturgia e Sagrada Escritura tal como entendiam os padres da Igreja acabou se perdendo pelo caminho. De acordo com ele, essa perda classificou-se como desastrosa para a Igreja e para toda a teologia, visto que afastar o rito do dado bíblico permitiu que a liturgia fosse elevada a um certo realismo sacramental, onde o foco e a importância se voltaram

¹⁸⁴ Goffredo Boselli é um monge de Bose e doutor em liturgia pelo Instituto Católico de Paris, França. É membro do comitê científico dos Congressos internacionais de liturgia de Bose, da Comissão francófona cisterciense e da redação da Revista Litúrgica e de Artes Sacras. Colabora com a Comissão Episcopal para liturgia da Conferência Episcopal Italiana – CEI, na qualidade de perito. [BOSELLI, 2014, Contra-capá.]

¹⁸⁵ Francisco Taborda é doutor em Teologia pela “Westfälische Wilhelms-Universität Münster” da Alemanha, é professor de Teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) de Belo Horizonte, Minas Gerais. Publicou por Edições Loyola: “*Cristianismo e ideologia*”, “*Ensaio teológico*”, “*Nas fontes da vida cristã: Uma teologia do batismo crisma*”, “*Matrimônio – Aliança – Reino: Para uma teologia do Matrimônio como sacramento*”, “*Karl Rahner 100 anos – Teologia, filosofia e experiência espiritual*”. [TABORDA, 2009, Contra-capá.]

¹⁸⁶ MAZZA, 2020, p. 16.

apenas para a presença do evento salvífico na ação litúrgica, esquecendo-se de outros elementos que também são importantes para a liturgia.¹⁸⁷

Diante dessa mesma problemática apresentada por Mazza é que Taborda desenvolve sua reflexão. Para Taborda, inicialmente, uma proposta de abordagem mistagógica para resgatar a atual teologia sacramental poderia parecer um tanto quanto anacronismo, contudo, de acordo com o autor, uma volta às fontes jamais é anacronismo se essa for feita numa perspectiva hermenêutica e não de modo fundamentalista. Segundo Taborda, o processo de volta às fontes deve ser feito com o olhar no presente, buscando iluminá-lo através de uma fusão de horizontes, onde o método mistagógico dos padres seja a luz para a realidade atual.¹⁸⁸

Ademais, de acordo com Taborda, a partir de um estudo de João Batista Libanio¹⁸⁹, pode-se destacar três traços da cultura contemporânea: uma cultura secularizante, paradoxalmente atraída para o religioso como objeto de consumo e descrente das grandes sínteses. Segundo Taborda, esses três traços desafiam o cristianismo nos dias de hoje e conseqüentemente a teologia sacramental que precisa sair em busca de novas respostas pastorais para essas realidades.¹⁹⁰

Para Taborda, o caminho mistagógico tal como entendiam os padres da Igreja pode ser uma resposta aos desafios atuais. Segundo ele, os três traços da realidade contemporânea elencados por Libanio também se apresentam na liturgia sobre três tentações: a vulgaridade das celebrações, uma liturgia que busca agradar ao público e uma liturgia que renuncia a teologia e opta por uma pequena narrativa, por uma razão fraca.¹⁹¹

A tentação da vulgaridade das celebrações, de acordo com Taborda, dá-se pelo fato de que nessas se perdeu todo o sentido do sagrado, toda expressão do mistério. Nesse aspecto, a mistagogia, segundo o autor, pode ajudar a resgatar a dimensão misteriosa da liturgia, visto que a abordagem mistagógica leva a ver os sacramentos em sua

¹⁸⁷ MAZZA, 2020, p. 16.

¹⁸⁸ TABORDA, 2009, p. 39.

¹⁸⁹ João Batista Libanio foi presbítero, licenciado em línguas neolatinas pela Pontifícia Universidade Católica – PUC do Rio de Janeiro-RJ, doutor em teologia pela Universidade Gregoriana de Roma. [LIBANIO; MURAD. 1996, Contra-capá.]

¹⁹⁰ TABORDA, 2009, p. 39.

¹⁹¹ TABORDA, 2009, p. 39-42.

relação imediata com o mistério, de modo que o gesto simbólico transporte cada participante do rito ao evento salvífico narrado através daquele rito.¹⁹²

A tentação de agradar ao público, segundo Taborda, é perigosa porque trata a liturgia como supermercado, as pessoas como consumidoras e modela as celebrações ao estilo de programas de auditório dando vazão ao subjetivismo religioso. De acordo com Taborda, para essa tentação, retomar a mistagogia dos padres faz-se importante porque a mistagogia resgata a dimensão dinâmica, eclesial e prática da liturgia. Na mistagogia, os sacramentos não são coisas sagradas, mas ações de Deus na ação dos seres humanos e enquanto ação, gesto simbólico em si, supõem uma comunidade que celebra e um agir ético a partir daquela ação que concorra com o que celebrou.¹⁹³

Acerca da última tentação, de uma liturgia que renuncia a teologia e opta por uma pequena narrativa, Taborda aponta que a contradição está na maneira de propor o entendimento do todo que envolve a celebração. Para Taborda, é óbvio que a liturgia parte de pequenas narrativas, isto é, do concreto, do material, entretanto, ela não fica nisso, mas seu objetivo é comunicar a grande narrativa, a história da Salvação, que não cede à secularização, mas crê no Transcendente pessoal, no Deus que se revela ao seu povo e que espera do seu povo acolhida.¹⁹⁴

Para Boselli, a atualidade da mistagogia se encontra presente, reafirmada, desde o sínodo extraordinário de 1985. De acordo com ele, o sínodo de 1985 apontou que a mistagogia não é somente um assunto atual para Igreja, mas também uma questão urgente e necessária. Segundo o autor, não há liturgia sem mistagogia, visto que a mistagogia não é um elemento acrescentado à liturgia, mas parte integral da experiência litúrgica.¹⁹⁵

É a própria Sagrada Escritura, de acordo com Boselli, que dá embasamento de que a mistagogia é parte integral da liturgia. Segundo ele, duas perguntas contidas na Escritura revelam a constante atualidade da mistagogia: a primeira encontra-se no livro do Êxodo e a segunda é situada no Evangelho de João, no contexto do lava-pés. São elas,

¹⁹² TABORDA, 2009, p. 41-43.

¹⁹³ TABORDA, 2009, p. 41-44.

¹⁹⁴ TABORDA, 2009, p. 45.

¹⁹⁵ BOSELLI, 2014, p. 27-28.

respectivamente: *Que significa este rito?*” (Ex 12,26) e *“Entendeis o que vos fiz?”* (Jo 13,12).¹⁹⁶

Para Boselli, *“Que significa esse rito?”* é a pergunta que também a Igreja antiga ouviu dirigida a si por parte de seus filhos mais jovens. A resposta a essa pergunta foi dada pelas catequeses mistagógicas dos padres da Igreja nos primeiros séculos. De acordo com Boselli, essa pergunta ressoa na Igreja também hoje, de modo que a mistagogia tal qual entendiam e realizavam os padres, se torna novamente a resposta sábia da Igreja que busca transmitir a seus filhos o verdadeiro sentido da liturgia.¹⁹⁷

Sobre a pergunta *“Entendeis o que vos fiz?”*, Boselli afirma que é a indagação que ainda hoje Jesus faz a sua Igreja. Para o autor, nesta pergunta está toda a atualidade da mistagogia para Igreja, para o anúncio do Evangelho hoje, pois a mistagogia não é um método entre outros possíveis, não é uma simples escolha pastoral entre tantas, mas é conhecer aquilo que o Cristo na liturgia realiza por sua Igreja hoje.¹⁹⁸

Por fim, segundo Boselli, quando a Igreja faz mistagogia hoje ela torna-se serva de Cristo, mistagogo por excelência. A mistagogia dá ao cristão a capacidade de se tornar uma testemunha ocular do mistério de Deus e dá a liturgia a real possibilidade de atribuir a si a famosa e conhecida frase de São Jerônimo¹⁹⁹, *“não conhecer as Escrituras significa não conhecer Cristo”*, transformando-a em *“não conhecer a liturgia significa não conhecer Cristo”*.²⁰⁰

Em suma, com o que fora aqui exposto, pode-se perceber que a mistagogia como método teológico da liturgia é um assunto contemporâneo e oferece luzes para a atual realidade pastoral da Igreja. Embora a liturgia *“não esgote toda a ação pastoral da Igreja”* (SC,

¹⁹⁶ BOSELLI, 2014, p. 28-30.

¹⁹⁷ BOSELLI, 2014, p. 29-30.

¹⁹⁸ BOSELLI, 2014, p. 31.

¹⁹⁹ Jerônimo foi um padre e doutor da Igreja que viveu no século IV e V da história. Tornou-se conhecido por ter revisado a versão latina dos evangelhos e o livro dos Salmos, terminando por revisar o texto completo da Bíblia, conhecido mais tarde como VULGATA ou edição oficial da Igreja latina. [DONALD, Brendan Coleman Mc. **São Jerônimo, presbítero doutor**. Ceará: 2019. In: CONFERÊNCIA Nacional dos Bispos do Brasil – Regional Nordeste 1. Disponível em: <<https://www.cnbbne1.org.br/sao-jeronimo-presbitero-doutor/>>. Acesso em 06 jun. 2022.]

²⁰⁰ BOSELLI, 2014, p. 31-32.

9),²⁰¹ faz-se necessário um estudo sobre ela dado que “*é a fonte e o cume da vida cristã*” (SC, 10)²⁰² e enriquecida pelo método da mistagogia, conforme entendiam os padres, torna cada participante dela, presente nos eventos da Salvação narrados pelo Antigo e pelo Novo Testamento.²⁰³

²⁰¹ DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II, 1997, p. 38.

²⁰² DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II, 1997, p. 39.

²⁰³ BOSELLI, 2014, p. 29.

CONCLUSÃO

Concluir uma pesquisa não é sinônimo de concluir um assunto. Em uma pesquisa, faz-se um recorte sobre um determinado tema e busca-se investigá-lo sob uma determinada ótica sem o intuito de esgotar tudo que aquele tema pode oferecer, o que seria também impossível. O que se tentou fazer nesta pesquisa foi, de fato, ir ao encontro do que se tinha proposto no projeto de pesquisa elaborado em vista deste trabalho.

O percurso aqui traçado teve como objetivo geral compreender a mistagogia como método teológico da liturgia e a sua contemporaneidade. A escolha por três capítulos foi pensada como forma propícia para desenvolver cada assunto específico que compõem a pesquisa, de modo gradativo, formando uma crescente, iniciando pela liturgia, área da teologia na qual a pesquisa se desenvolve.

Grande destaque merece em cada capítulo dessa pesquisa as subdivisões usadas. Tratar cada assunto separadamente para depois uni-los buscando relação entre eles foi o meio escolhido pelo pesquisador para explicitar a ideia que estava presente em seu interesse. Os assuntos foram relacionáveis na medida em que foram tratados separadamente em suas especificidades.

Para o pesquisador, a liturgia apresentada como lugar teológico foi a base para que se pudesse chegar ao tema da mistagogia como método teológico da liturgia. Por conseguinte, só se pode chegar à discussão da contemporaneidade da mistagogia como método teológico da liturgia se antes se entendeu em que consiste a mistagogia como método teológico, sobretudo, em que base histórica esse método está firmado para ser considerado como válido.

Outro fato a ser destacado, opção do pesquisador, foi a apresentação da biografia dos autores citados no corpo do texto. Considerando os diversos leitores dessa pesquisa, viu-se por bem contextualizar cada autor citado colocando informações acerca de sua vida. Tal opção, na opinião do pesquisador, facilita os possíveis leitores quando estiverem lendo, pois estarão absorvendo informações de pessoas que viveram nos mais diferentes períodos da história e, por isso, cada uma precisa ser lida e interpretada dentro do contexto em que viveu.

Os vários documentos da Igreja bem como a colaboração de autores renomados no campo da liturgia ajudaram o pesquisador no desenvolvimento do assunto proposto para o trabalho. Marco referencial do desenvolvimento dos três capítulos é o Concílio Ecumênico Vaticano

II, acontecimento do qual se haure grande parte das informações contidas, seja para explicar conceitos importantes seja para transmitir noções fundamentais.

No terceiro capítulo, ao falar do tema da mistagogia na Igreja pós-conciliar sentiu-se a necessidade de incluir no trabalho o escrito dos dois últimos papas a respeito do tema da mistagogia. De fato, tanto Bento XVI quanto Francisco trazem, em seus escritos pontifícios, reflexões muito atuais que são de grande valia para a toda a Igreja. No que se refere a mistagogia, Bento XVI e Francisco reafirmam a importância da retomada do método. Porém, mais do que suas compreensões, destaca-se em seus escritos, o espírito que perpassa as letras. Para os dois papas, não há como evangelizar sem ser mistagogo.

Por fim, a escolha por três autores para sustentar a tese de que a mistagogia como método teológico da liturgia é um assunto contemporâneo se fez necessária devido à natureza do trabalho que se estava a fazer, a saber, um trabalho de conclusão de curso, estilo monografia. Tal espécie de trabalho possui um limite de páginas e precisa ser respeitado com vistas a normativa acadêmica. Além disso, contemplando Enrico Mazza, Francisco Taborda e Goffredo Boselli, pode-se dizer que se está contemplando precisamente três grandes estudiosos que pesquisaram e expuseram com profundidade o tema da contemporaneidade da mistagogia

Como luzes para atual realidade pastoral da Igreja, a mistagogia entendida como método teológico da liturgia oferece ao pesquisador a oportunidade de retomar um caminho de evangelização que foi muito produtivo na Igreja dos primeiros séculos. A retomada do pensamento dos padres da Igreja, principalmente dos que viveram e exerceram seu ministério no fim do IV século, oferece a Igreja na contemporaneidade, a oportunidade de se inspirar no exercício da catequese não mais sobre fórmulas teórico-conceituais da teologia já preestabelecidas, mas sobre a própria celebração da fé, em síntese, sobre o próprio rito.

Em suma, mais do que apontar um resultado, a presente pesquisa buscou deixar aberta ao leitor a possibilidade de futuros aprofundamentos no campo da liturgia, sobretudo, no que se refere ao tema da mistagogia como método teológico e da sua contemporaneidade. Os resultados aqui alcançados apenas salientam a necessidade da discussão do assunto. Resta, portanto, como último relato dessa pesquisa, destacar o esforço empregado tanto pelo pesquisador quanto pelo orientador dessa pesquisa para elaboração desse trabalho. De fato, como sustentou um dos autores utilizados no

desenvolvimento da pesquisa, a temática da mistagogia não é somente um assunto atual para a Igreja, mas também uma questão urgente e necessária.

REFERÊNCIAS

ALDAZÁBAL, José Larrañaga. **Vocabulário básico de liturgia**. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2002.

BASURKO, Xabier. GOENAGA, J.A. **A vida litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica**. In: BOROBIO, Dionísio (org.). **A celebração na Igreja: liturgia e sacramentologia fundamental**. São Paulo: Loyola, 1990.

BENTO XVI. **Exortação Apostólica pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis* sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html>. Acesso em: 05 jun. 2022.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2015, p. 2007.

BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOROBIO, Dionísio. **Celebrar para viver: Liturgia e sacramentos da Igreja**. São Paulo: Loyola, 2009.

BOSELLI, Goffredo. **O sentido espiritual da liturgia**. Brasília: Edições CNBB, 2014.

CARVALHO, Humberto Robson de. **Liturgia: Elementos básicos para a formação de catequistas**. São Paulo: Paulus, 2018.

CATECISMO da Igreja Católica. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CAMPESE, Gioacchino. **Hacia una teologia desde la realidad las migraciones: método y desafios**. Guadalajara: Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Occidente, 2005, p. 26. Disponível em: <<https://rei.iteso.mx/xmlui/themes/Mirage2/bookview/template.html?path=/bitstream/handle/11117/4679/Teología%20y%20Migración.pdf?sequence=3&isAllowed=y#page=24>>. Acesso em: 05 mar. 2022.

CONFERÊNCIA Nacional dos Bispos do Brasil. **Iniciação à Vida Cristã**: itinerário para formar discípulos missionários. Edições CNBB: Aparecida, 2017.

COSTA, Bernardino. **O Movimento Litúrgico e a redescoberta da qualidade teológica da liturgia**: Antônio Coelho e a dimensão teológica do mistério celebrado. Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2010, p. 136. In: DIDASKALIA, 40(2). Disponível em: <<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:y-HAsXYrKwoJ:https://revistas.ucp.pt/index.php/didaskalia/article/view/2285/2204+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 05 fev. 2022.

COSTA, Rosemary Fernandes da. **A mistagogia em Cirilo de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2015.

_____. **Mistagogia hoje**: O resgate da experiência dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e catequese atuais. São Paulo: Paulus, 2014.

DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e Liturgia**: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos padres da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2013.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Contemporaneidade**. 7 Graus, 2009-2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/contemporaneidade/>>. Acesso em: 28 out. 2021.

DOCUMENTO de Medellín. **Presença da Igreja na atual transformação da América Latina**: à luz do Concílio Vaticano II. Medellín, 1968. Disponível em: <https://pjmp.org/subsidios_arquivos/cnbb/Medellin-1968-2CELAM-PORTUGUES.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2022.

DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II. **Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a sagrada liturgia**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. **Decreto Ad Gentes sobre a atividade missionária da Igreja**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. **Decreto *Christus Dominus* sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. **Declaração *Gravissimum Educationis* sobre a Educação Cristã**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. **Decreto *Optatam Totius* sobre a formação sacerdotal**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1997.

DONALD, Brendan Coleman Mc. **São Jerônimo, presbítero doutor**. Ceará: 2019. In: CONFERÊNCIA Nacional dos Bispos do Brasil – Regional Nordeste 1. Disponível em: <<https://www.cnbbne1.org.br/sao-jeronimo-presbitero-doutor/>>. Acesso em 06 jun. 2022.

DUQUE, João. **A teologia como caminho**: considerações sobre o método teológico. Braga: Faculdade de Teologia (UCP), 2014. In: DIDASKALIA. **Métodos em teologia**. Lisboa: Revista da Faculdade de Teologia, 2009, v. XXXIX, p. 18. Disponível em: <<https://revistas.ucp.pt/index.php/didaskalia/article/view/1906>>. Acesso em: 22 abr. 2022.

EQUIPE editorial de “*Conceito.de*”. **Conceito de método**. 2010. Disponível em: <<https://conceito.de/metodo>>. Acesso em: 18 abr. 2022.
ERPEN, Jackson. **A liturgia dentro da história da salvação**. Cidade do Vaticano: Vatican News, 2018, s/n. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2018-09/sacrosanctum-concilium-liturgia-historia-da-salvacao.html>>. Acesso em: 20 jan. 2022.

FACCINI, Thiago Aparecido. **Raízes mistagógicas da liturgia cristã**. In: REVISTA ELETRÔNICA ESPAÇO TEOLÓGICO - REVELETEO. v. 8, n. 14, jul/dez 2014, p. 263-264. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/reveleteo/article/viewFile/21565/15814>>. Acesso em: 30 mai. 2022.

FERNANDES, Veronice. **Liturgia: lugar teológico**. In: REVISTA Contemplação. **Revista Acadêmica de Filosofia e Teologia da Faculdade João Paulo II**. 23 ed. São Paulo: FAJOPA, 2020, p. 48. Disponível em: <<http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/252>>. Acesso em: 10 out. 2021.

FERREIRA, José. **A liturgia antes do Concílio Vaticano II**. s/d, p. 4. Disponível em: <https://www.liturgia.pt/anodafe/A_Liturgia_antes_do_Concilio_Vaticano_II.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2022.

FISICHELLA, Rino; LATOURELLE, René. **Dicionário de teologia fundamental**. Trad. Luiz João Baraúna. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994.

FRANCISCO. **Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Loyola, 2013.

JOÃO CRISÓSTOMO. **Catequese III**, 3. In: MAZZA, Enrico. **A mistagogia: as catequeses litúrgicas do final do século IV e seu método**. São Paulo: Loyola, 2020.

JUSTINO. **Apologia I, 67**. In: **Tradição apostólica de Hipólito de Roma**.

KANOMATA, Takako; SCHÜTZ, Elsa Kanomata; SCHÜTZ, Ricardo E.; RAYNER, Linda. **Equipe responsável pela produção científica deste site “English Made in Brazil”**. Disponível em: <<https://www.sk.com.br/sk-inst.html>>. Acesso em: 15 jan. 2022.

LIBANIO, João Batista; MURAD, Afonso. **Introdução à Teologia: perfil, enfoques, tarefas**. São Paulo: Loyola, 1996.

LLOPIS, Joan. **La liturgia a través de los siglos**. Emaús 6: Barcelona, CPL, s/d, p. 38. In: SILVA, José Ariovaldo da. **O mistério celebrado no primeiro milênio da era cristã, panorama histórico geral**. In: BUYST, Ione; SILVA, José Ariovaldo da. **O mistério celebrado: memória e compromisso I**. São Paulo: Paulinas; Valencia: Siquém, 2014.

L’OSSERVATORE ROMANO. **Biografia de sua Santidade, Bento XVI**. Libreria Editrice Vaticana. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/biography/documents/hf_ben-xvi_bio_20050419_short-biography_old.html>. Acesso em: 06 jun. 2022.

_____. **Biografia do Santo Padre, Francisco**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/biography/documents/papa-francesco-biografia-bergoglio.html>>. Acesso em: 06 jun. 2022.

MABIALA, Matalanga. **A beleza da liturgia, manifestação da presença real de Cristo**. São Paulo: Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, 2007, p. 25. Disponível em: <<https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-1025/a-beleza-da-liturgia-manifestacao-da-presenca-real-de-cristo>>. Acesso em: 05 nov. 2021.

MAIA, Antônio. **Pequeno Dicionário Católico**: Dogma, Liturgia, Moral, Bíblia. Rio de Janeiro: Estrela do Mar, 1996.

MARSILI, Salvatore. **Teologia Litúrgica**. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (org.). **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Paulinas; Lisboa: Paulistas, 1992.

MAZZA, Enrico. **A mistagogia**: as catequeses litúrgicas do final do século IV e seu método. São Paulo: Loyola, 2020.

MENDES, Sérgio Gonçalves. **Mistagogia e o Magistério Católico recente**: uma nova perspectiva na teologia moral. In: ATEO. v. 21, n. 56. Rio de Janeiro, mai/ago 2017, p. 295-298. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/30398/30398.PDFXXvmi=>>>. Acesso em: 01 jun. 2022.

PAGNUSSAT, Leandro Francisco. **Formação cristã e mistagogia nos documentos do Concílio Vaticano II**. In: REVISTA VIDA PASTORAL. **O ministério do catequista**: uma missão antiga e sempre nova. Ed. 343. São Paulo: Paulus, 2022, p. 20-27. Disponível em: <<https://www.vidapastoral.com.br/edicao/formacao-crista-e-mistagogia-nos-documentos-do-concilio-vaticano-ii/>>. Acesso em: 23 abr. 2022.

PINHO, Arnaldo de. **O Concílio Vaticano II e a Modernidade**. Porto: Revista Humanística e Teologia, 2013, p. 133-142. Disponível em: <<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/19177/1/Conc%C3%ADio%20Vaticano%20II%20e%20a%20Modernidade.PDF>>. Acesso em 13 nov. 2021.

PORTAL PERSEUS. Gy, **Pierre-Marie (1922-2004)**. Disponível em: <<https://www.persee.fr/authority/396721>>. Acesso em: 13 abr. 2022.

RAVASI, Gianfranco. **Jean Daniélou, vida (e morte) de um teólogo**. Tradução de Moisés Sbardelotto. Milão: Il Sole 24 Ore, 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/507457-jean-danielou-vida-e-morte-de-um-teologo-artigo-de-gianfranco-ravasi>>. Acesso em: 28 out. 2021.

SILVA, José Ariovaldo da. **A celebração do mistério de Cristo ao longo da história**. In: CELAM. **Manual de liturgia, vol. IV: A celebração do mistério pascal - outras expressões celebrativas do mistério pascal e a liturgia na vida da Igreja**. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **O mistério celebrado no primeiro milênio da era cristã, panorama histórico geral**. In: BUYST, Ione; SILVA, José Ariovaldo da. **O mistério celebrado: memória e compromisso I**. São Paulo: Paulinas; Valencia: Siquém, 2014.

_____. **A reforma litúrgica do Concílio Vaticano II**. In: BUYST, Ione; SILVA, José Ariovaldo da. **O mistério celebrado: memória e compromisso I**. São Paulo: Paulinas; Valencia: Siquém, 2014.

_____. **O mistério celebrado no segundo milênio da era cristã, panorama histórico geral**. In: BUYST, Ione; SILVA, José Ariovaldo da. **O mistério celebrado: memória e compromisso I**. São Paulo: Paulinas; Valencia: Siquém, 2014.

SCHÜTZ, Ricardo E. **“Etimologia” English Made in Brazil**. Disponível em: <<https://www.sk.com.br/sk-hist.html>>. Acesso em: 15 jan. 2022.

TABORDA, Francisco. **O memorial da páscoa do Senhor: Ensaios litúrgicos-teológicos sobre a eucaristia**. São Paulo: Loyola, 2009.

TAMAYO, Juan José. Joan Llopis, el evangelio humanizador: el renovador teólogo catalán centró su obra en la reforma de la liturgia. El País, 2012, s/n, tradução nossa. Disponível em: <https://elpais.com/sociedad/2012/07/08/actualidad/1341704758_106281.html>. Acesso em: 15 fev. 2022

TÜCHLE, Germano. BOUMAN, C.A. **Nova história da Igreja: Reforma e Contra-reforma**. Tradução de Waldomiro Pires Martins. Petrópolis: Vozes, 1971.

VAGAGGINI, Cipriano. **O sentido teológico da liturgia**. São Paulo: Loyola, 2009.

WORLDCAT IDENTITIES. **Pié duployé**: Overview. 2021. Disponível em: <<http://worldcat.org/identities/lccn-n84188746/>>. Acesso em: 26 out. 2021.

_____. **René Bornert**: Overview. 2021. Disponível em: <<http://worldcat.org/identities/lccn-n81112370/>>. Acesso em: 29 out. 2021.

